

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

MASSÁ, Fábio Cavalcanti de Albuquerque. Fábio Cavalcanti de Albuquerque Massá (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 42min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Fábio Cavalcanti de Albuquerque Massá  
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2020

### *Ficha Técnica*

***Tipo de entrevista:*** História de vida

***Entrevistador(es):*** Jimmy Medeiros; Rosana da Câmara Teixeira;

***Técnico de gravação:*** Ninna Carneiro;

***Local:*** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

***Data:*** 16/01/2014

***Duração:*** 2h 42min

Arquivo digital - áudio: 4; Arquivo digital - vídeo: 4; MiniDV: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto pessoal do pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda intitulado "Torcidas organizadas: criando fontes", que tem como objetivo constituir um banco de entrevistas de história oral acerca das torcidas organizadas nos âmbitos nacional e internacional.

***Temas:*** Administração; Club de Regatas Vasco da Gama; Clube de Regatas do Flamengo ; Colégio Pedro II; Direito; Esportes; Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); Eventos e comemorações esportivas; Polícia; Torcidas de futebol; Violência;

### *Sumário*

Entrevista: 16/01/2014 As influências para a aproximação com o futebol; o primeiro contato com o futebol; as referências flamenguistas na família; as primeiras idas ao Maracanã; a entrada para a torcida Falange; a trajetória escolar no Colégio Pedro II; a graduação em Administração e em Direito; a mudança de Laranjeiras para Copacabana; a aproximação com a Torcida Jovem do Flamengo; a saída da Falange; a entrada para a Torcida Jovem; a transformação das torcidas com o tempo; a trajetória dentro da torcida; o contato com as lideranças; o trabalho como vice-presidente de expansão; o trabalho para ampliar a torcida; a reação da família diante da torcida; as campanhas políticas dentro do Flamengo; a representatividade das bandeiras; os patrimônios da torcida organizada; as reformas do Maracanã e suas mudanças; a imagem de violência que as torcidas carregam; a rivalidade presente no futebol; as viagens da torcida; a relação com a Polícia Militar; o Estatuto do Torcedor; as modificações sofridas nos estádios; a diferença dos conflitos no estádio e ao redor; a questão dos ingressos; a criação da Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ); a atuação na FTORJ; a importância da FTORJ nos cenários de conflitos; o Termo de Ajuste de Conduta (TAC); a crise financeira enfrentada pelo Flamengo; o significado da torcida em sua história; a vaidade presente nos times de futebol; conclusões e agradecimentos.

*Entrevista:16/01/2014*

F.M – Eu tinha o livro da federação, eu tinha tudo. Tinham algumas coisas comigo, algumas coisas estavam com o Gunta ele foi arrecadando. Vai ver, está tudo com ele.

J.M – Arquivo...

F.M - Ele tem um arquivo em casa.

R.T – Eu tenho a impressão que ele vai... [Riso].

F.M – Ele não libera. Não vai fazer museu não, porque ele não libera.

R.T - Não libera?

F.M – Não. [Riso].

R.T – Está vendo. Como eu vou fazer para ir atrás das fotos. [Riso].

J.M – Fábio Massa, não é?

F.M – Abreviando, é.

J.M – E o nome completo?

F.M – Fabio Cavalcante de Albuquerque Massá.

R.T – Pode começar? Então, vamos lá: Boa noite, 16 de janeiro de 2014. Entrevista com Fábio Massá, representante da FTORJ e da Torcida Jovem do Flamengo. Entre para o projeto “A voz da torcida: Narrativas de lideranças da Federação das Torcidas do Rio de Janeiro”. Participam Jimmy Medeiros, Luiz Vaz e eu, Rosana da Câmara. Bom, vamos

começar então, Fábio, a primeira seria, enfim, que você começasse dizendo o seu nome completo, local e a data do seu nascimento.

F.M – Fábio Cavalcante de Albuquerque Massá. Local de nascimento, Rio de Janeiro. Data de nascimento, 15/09/1975.

R.T – Os seus pais eram daqui do Rio mesmo?

F.M – É. Meu pai e minha mãe são do Rio.

R.T São do Rio?

F.M – São.

R.T – E como você começou essa sua história nas torcidas? Não, primeiro, no futebol, não é? Como começa a sua história como torcedor de futebol?

F.M – No futebol, desde criança... Nasci flamengo. A influência maior foi do meu tio, porque eu não tinha a referência do pai porque eu só conheci o meu pai com 21 anos. E, se eu tivesse apesar dele não gostar de futebol, ele é botafogo. Então, não é muito bom.

R.T – E a sua mãe?

F.M – A minha mãe é flamengo. Então a minha referência: Era o meu avô, minha avó, minha mãe e meu tio. Então, todo mundo era flamengo, eu sou flamengo.

R.T – Você vivia próximo aos seus avós, é isso?

J.M – Maternos?

F.M – Isso. Maternos. Eles moravam com a minha mãe. Minha mãe, minha avó e meu avô. Eu morava com eles. Hoje, eu até moro de novo. Com o meu avô não, porque o meu

avô já faleceu quando eu tinha três anos. Hoje, moram, minha avó, minha mãe, eu, meu padrasto e meu irmão.

R.T – Mas você sinalizou que o seu tio foi importante nesse momento...

F.M – É. Ele era flamengo e era a figura masculina que acompanhava o futebol, vamos dizer assim. Mas eu não ia com ele ao estádio. Eu ia ao estádio com a minha mãe, quando eu era pequeno. Era com a minha mãe. Aí fui crescendo aos pouquinhos, comecei a ir com um vizinho... Aí eu comecei a ir sozinho ao Maracanã. Aí foi indo. Aí em 1987, eu entrei na Falange.

R.T – Foi a primeira torcida da qual você participou, não é?

F.M – Foi.

R.T – Mas antes um pouco, você cursou graduação? Enfim...

J.M – Onde você estudou? Colégio, faculdade? Como foi essa história?

R.T – Onde você estudou? É, enfim...

F.M – [Tudo] vai ser difícil. [Riso].

J.M – Então, está bem. [Riso]. Mas conta um pouquinho como foi.

F.M – Eu estudei a maior parte do tempo em Laranjeiras, ali no Anne Frank, ao lado Palácio da Guanabara. Estudei em uns dois colégios ali na Pereira da Silva, que eu não sei o nome. Eu era Áurea, mas até já acabou, esse foi muito quando eu era pequenininho mesmo. O outro é um colégio de freira, não sei, não me recordo, mas eu estudei ali. Aí quando eu acho que quando eu fui para terceira série, eu fui para o Anne Frank – que é ao lado do Palácio – e de lá eu fui para o Pedro II. No Pedro II, eu estudei até primeiro ano do segundo grau, fui servir o quartel, servi um ano, aí fechei em um supletivo de seis

meses. Aí eu fechei o meu segundo grau completo aí. Aí eu fiz vestibular, cursei três períodos de administração – 1997.1, 1997.2 e 1998.1 –, se eu não me engano. Aí eu fiquei parado do estudo, que foi a época que eu andei mais na torcida, de 1997 a 2003. Em 2003, eu voltei a estudar para Direito. Eu me formei no final de 2006.

R.T – E durante esse tempo, você sempre viveu em Laranjeiras?

F.M – Não. Com 14 anos, eu fui para Copacabana. Só morei em laranjeiras e agora eu moro em Copacabana. Desde 14 – 15 incompletos – 14 anos, porque foi quase fazendo 15 anos. Mas aí eu saí de Laranjeiras e fui para Copacabana. Em Copacabana, eu morei na Princesa Isabel, morei na Mascarenhas de Moraes, morei na... Ih, morei em um monte de rua. [Riso]. Ronald Carvalho e por aí vai... Foram bastante. Agora, eu estou na Barata Ribeiro, quase esquina com a Constante Ramos.

R.T – E foi nessa ocasião em que você entrou para a sua primeira torcida?

F.M – Não.

R.T – Falange?

F.M – É. Para a minha primeira torcida, eu entrei em 1987. Então eu em 1987 eu ainda... Peraí, vamos fazer as contas...

J.M – Tinha uns 12 anos.

F.M – 12 anos? Não, eu tinha 14.

J.M – 14 anos?

F.M – Eu sou de 1975... Foi em 1987? Eu acho que foi em 1989. Está certo porque eu tinha 14. Está certo, em 1989. Em 1989, eu entrei para Falange.

R.T – E você ficou quanto tempo na Falange?

F.M – Eu fiquei até 1992, quando eu entrei para a Jovem.

R.T – Em 1992, então, você foi para a Jovem. Como foi esse processo de entrar em uma torcida? Como começaram as relações com os torcedores? Foi no estádio? Foi no próprio bairro?

F.M – Foi, porque, na verdade, sempre tem alguém que você conhece. Sempre tem alguém do seu meio que é de alguma torcida. A maioria pode ser que não assista em torcida, mas sempre tem um ou dois que são. Ou do colégio, ou de algum lugar que você frequente que é e você acaba indo. Então, assim, você chega hoje, tem jogo do flamengo, não tem ninguém para ir ao jogo contigo, eu posso ir sozinho ao maracanã e chega lá, eu vou encontrar 10, 20, 30, 100 que me conhece. Entendeu? Então você nunca está sozinho. Essa é uma forma de socializar também, não é? Porque, por exemplo, onde eu moro não tem ninguém que é flamengo, ou é vasco, é fluminense e ninguém quer ir ao jogo contigo. Aí pega o metrozinho, vou para o jogo, chega lá, eu conheço todo mundo. Chega lá, conversa, quem é de beber, bebe e por aí vai... Foi assim. No meu prédio tinha um que era bem mais falange da Falange, aí eu ia a alguns jogos com vizinhos, a gente ficava atrás do gol e a Falange focava atrás do gol. Era Falange, Jovem... A Falange focava um pouco mais para cá, a Jovem ficava bem atrás do gol, depois vem a Raça e Dragões. Então, era ao lado da Jovem, entendeu? Só que era a torcida menos um pouco. Na época, nem era tão menor. A Falange eu acho que era até um pouco maior que a Jovem, nessa época. Não é [me recordo], mas não era grande... Então, como a gente ficava sempre ali, você vai ficando, vai conhecendo... Eu gosto de tocar percussão também, então você toca um surdo, você vai indo, vai indo e vai em frente. Quando você vê, você já está... Como você está indo sempre, você fazia a carteirinha, porque a carteirinha, todas as torcidas tinham sala no maracanã, então você chegava, o pessoal te dava um papelzinho: “Entra para torcida”. Você chegava lá, levava as fotos, pagava uma taxa e entrava para a torcida. Ia indo. Todo jogo, você ia, ajudava, botava a bandeira no bambu... O roteiro essa esse.



R.T – E porque você saiu da Falange e resolveu participar da torcida Jovem Fla? O que determinou essa mudança em algum momento?

F.M – O que determinou?

R.T – Ou como aconteceu?...

F.M – Primeiro, pelo fato de lá em Copacabana, a maioria dos meus conhecidos era da Jovem, não é? Porque é do primeiro pelotão, então a maioria é tudo da Jovem, flamengo. Então, não tinha por que, eu ainda podia continuar na Falange, mas... Até uns que foram para a Jovem depois também, eram da Falange. Então era, vamos dizer, uma passagem natural. A Jovem foi crescendo, a Falange foi ficando e você vai conhecendo pessoas novas, “pum”, aí passa. Entendeu? Não tem nada de... Era só isso. Porque foi crescendo, a torcida é maior, mais respeitada, aí eu mudei. Fora as amizades, não teve nada que influenciou mais que isso, não.

R.T – Aí você chega na Jovem como um componente...

J.M – Normal.

R.T – Normal e com é a sua trajetória nesse momento?

J.M – Hoje eu não conheço ninguém mais lá. Hoje, em mil, você conhece 10. Porque mudou, é muita gente jovem. Hoje, no jogo, a gente fica um bolinho de velho, 10, o resto, todo mundo é novo. Se você indo a todo jogo, aí o pessoal fala: “Fulano de tal”. Você vai adquirindo um respeito com os mais novos. Mas você chegar lá e não conviver, a pessoa te ignora. Ninguém nem sabe quem você é. Porque é muita gente nova.

R.T – A torcida também mudou muito daquela época em que você fez parte.

F.M – Mudou muito.

R.T – Mas como foi naquela época, então, quando você chegou? E a sua trajetória dentro da torcida? Você chegou a ocupar cargos, enfim?

F.M – A minha trajetória na torcida, por viver em um bairro onde já tiveram alguns liderem da torcida, você não chega tão desconhecido. Uma coisa é chegar lá e ninguém nunca te viu, você vai começar a frequentar, se você interagir, você vai “Ah, po, você aceita ser um diretor de arquibancada?”, “você aceita ser um diretor de bateria?”... Se você for se entrosando e mostrar que gosta e entender, você vai convivendo e automaticamente algum cargo pode cair no seu colo, se você quiser. Mas, no meu caso, como assim? O capitão Leo foi o presidente, se eu não me engano, na época que eu entrei, ele era o presidente, a data eu não me recordo. Mas ele é de Copacabana. Algumas pessoas...

R.T – Que outras lideranças eram de Copacabana também?

F.M – Nessa época, não. Mas outro presidente foi o Marcelo Vargas, de Copacabana. E algumas outras pessoas, não específico de Copacabana, mas da zona sul. Então, você vai chegando... “Fulano?” Mora do outro lado da minha rua... Então você não chega desconhecido, você chega... A sede era uma salinha, é mais estreita que essa aqui.

R.T – Nessa época, era na Rua Senador Dantas, não?

F.M – Era. 92, da Rua Senador Dantas. Era uma salinha. Quer dizer, o que ocorria muito? A gente ia para lá e ficava de papo furado e aí você ficava conhecendo e o dia-a-dia da torcida, porque, nessa época, ninguém tinha celular, ninguém tinha nada. Nesse tempo assim [referindo-se as trovoadas ouvidas da sala de entrevista], uma situação que nego delirava, é quando alguém de outra torcida ligava para dar o trote. Por quê? Porque a torcida comprou uma bina, que é um negócio desse tamanho assim que identificava o número dos outros. Aí quando batia o número, ah, está bom “Ah, não sei o quê”. Sabe? Ameaçava... “Não, tudo bem”. Desligava. Quando já chegava uma equipe, ligava como se fosse da delegacia: “Olha só, é isso, é isso”. E nisso, tinha o escrivão, tinha o esquema todo... Então, você se divertia na sede. Chegava um, contava uma história, chegava outro, contava uma história. Era um tempo um pouquinho mais romântico, entendeu? Violência,

sempre teve? Sempre teve. Mas isso aí é da sociedade. Agora, era um tempo mais romântico, o pessoal era mais amigo, era bem mais... Teve uma época, em que todo fim de semana, tinham, pelo menos, 20 ou 30 bebendo no bar embaixo da sede. O pessoal conversava e se conhecia, entendeu? Ajudava-se e se conhecia. Hoje, não é assim. Hoje está diferente. Mas, nessa época, era. Então, você vai convivendo... Teve uma época em que eu tomei conta da bateria, teve uma época em que eu fui vice presidente de expansão.

R.T – O que é exatamente ser o vice-presidente de expansão? Quais são as atribuições?

F.M – É assim: Você era responsável pelos pelotões. “Pelotão lá da Pavuna”, você ia, conversava com monitor. Você era meio que responsável por esses setores assim. Todo mundo abraça, na verdade. Mas o seu cargo era o responsável específico. Não é que você tinha que resolver tudo, mas “expansão” é “Eu tenho um pessoal aqui em Resende, estamos precisando fazer um pelotão”. Aí eu: “Ó, quem que ter uma quantidade tal, tem que ter isso, vocês tem estrutura para isso?” A gente tinha essa conversa.

R.T – Um mediador, um articulador, era isso?

F.M – Não deixa de ser.

J.M – Com o objetivo de ampliar a torcida?

F.M – Ampliar a torcida. Porque começou com tantos pelotões. Hoje, eu nem sei mais quantos tem. Se tiver 50, se tiver 20, eu não sei. Hoje, eu perdi a conta. Então era isso. Teve uma época que foi uma época difícil na torcida. Eu ajudei a administrar também, mas nunca fui presidente, mas... Os líderes da torcida, no momento, foram presos... Então, eu ajudei a administrar, mas nunca quis, eu sempre escapei de ser presidente.

R.T – Mas é dessa época, Fábio, que a torcida começa a se tornar conhecida por ser a mais temida, digamos assim? É a que tem a maior visibilidade, mas também por esse fato de ser considerada a mais temida do Rio de Janeiro.

F.M – Pode ser.

R.T – Pode? [Risos]

F.M – Você que está falando... [Riso].

R.T – Isso que você está falando das lideranças...

F.M – Não, não... Isso aí foi um fato isolado. Um homicídio que aconteceu. É público isso aí. O julgamento foi até o ano retrasado, dez anos depois. O que ocorreu foi o seguinte nessa situação: Uma Kombi passou em Piedade, Abolição, não sei, mas quando passou, tinha um garoto vestido de Botafogo – que eu acho que era até Vasco – o balearam e o mataram. E o que aconteceu? Falaram que era uma Kombi branca e intercalaram a história com a Kombi branca que a gente ganhou da vereadora depois do fato. Então, o que aconteceu? Por essa Kombi branca, eles chegaram e “quem dirigia a Kombi?”. “Fulano”. “Quem não sei o quê?” “Ciclano”. Então prenderam três que andavam juntos, mas não tinham nada a ver com a história. Mas por causa da Kombi branca, entraram na história. Chegou a uma sexta-feira, invadiram a sede e levaram – de quem estava – uns 15. Sobraram uns três presos. E sexta-feira justamente ia uma galera. Eu quase fui nessa também, porque eu estava no ônibus, eu falei: “To indo para a sede”. Falaram: “Passaram aqui e levaram todo mundo”. Aí a gente chegou depois, foi na Polinter ali no centro, para ver como estava. Nessa época, eu não era advogado ainda, tinha outro amigo da torcida que estava lá e foi ver como estava a situação, como era e como não era. Levaram 15, trancaram um em uma sala, outro na outra. “Fulano, não sei o quê”. Aí o rádio tocava, não é? Na sexta-feira... Ficaram fazendo aquele terror psicológico... Quem eles encaixaram na história, eles deixaram. Ficaram três presos. Um era menor na época do fato, saiu mais rápido. Os outros ficaram um mês e pouquinho. Mas saíram também. O julgamento, se eu não me engano, foi no ao passado ou no ano retrasado. Eu era até testemunha de um deles. Aí nessa época, como eu estava indo sempre, eu fiquei ajudando mais, porque tinha situação de ingresso... A gente pegava uma carga de ingresso no Flamengo, quem repassava o ingresso? Geralmente eu repassava o ingresso. A gente chegava ao Maracanã, botava uma mesinha, repassava os ingressos e tal, então tinha que

ter, pelo menos, uma estrutura mínima, entendeu? A gente ficou sem sede, pelo menos, uma semana. Sem poder entrar na sede. A gente ficou atendendo lá na rua, na escadinha, todo mundo sentado. Para não deixar de ter um ponto fixo, a gente ficou na rua ali, porque tinha uma relação de nomes ali que se alguém falasse “fulano”, vinha um e “puf” grampeava. Então ninguém podia ir a sede. Ainda bem que o meu não estava nessa lista.

R.T – [risos].

F.M – É. Mas...

L.V - Hein, Fábio, você disse que entrou para a torcida com 14 anos. Como foi com a sua família? Foi tranquilo?

F.M – Era aquela história, nessa época aí, éramos eu, minha avó e minha mãe. E a minha mãe já me levava ao jogo. Quando não me levava, eu ia com o vizinho... Aí eu fui... “Não, deixa-me entrar”. Como ela e via mesmo, era só mais assim: Você é sócio, tinha carteirinha, ela ficava ao lado da torcida, eu ficava em pé e acabou. Não tinha muito... Torcida é aquela história: Se você quiser ir só para ver o jogo e sair você vai. Você que dá o seu destino na torcida. Eu sempre fiz a... A minha parte na torcida foi mais burocrática do que pela torcida. Mexer com material... Entendeu? Mais a base. Sempre foi isso.

R.T – Transportar as bandeiras. É isso?

F.M – É. Não. Transportar também, mas nessa época já é um pouquinho mais...

R.T – É. Em que momento...

F.M – Não é nem mais para frente. Eu acho que é nessa época mesmo. Porque em 2000, entrou a Kombi. Aí, por acaso, depois desse tumulto todo, quando a Kombi veio nova e tal, eu dirigi um ano a Kombi ainda. Segurei o pepino de dirigir a Kombi. Porque é um pepino, porque acaba o jogo, querem entrar 15 na Kombi. “Deixa-me ali, me deixa aqui,

me deixa ali”. Então você tinha que entrar e “puf” “estou indo para a sede levar o material”. Vai à reta. Se ficar parando...

R.T – Isso, então, depois das salas, não é? Porque na época das salas, Fábio, o material ficava lá.

F.M - A época das salas é uma época bem mais para trás. Eu não me recordo quando a sala acabou, mas na Falange, tinha sala. Quando eu era da Falange. Na Jovem, quando eu fui para a Jovem, ainda tinha sala. Eu não me recordo quando acabaram as salas. Não me recordo. Eu não sei se foi em uma obra que teve no Maracanã, a primeira, a segunda... Aí tomaram todas as salas. Nunca deixou de ter a sede administrativa, mas o material ficava no Maracanã. Sempre ficou no Maracanã. Depois começaram a ter os... “Bambu vai ficar aonde?” A gente procurava guardar em um local perto do estádio. Como a gente jogava sempre no Maracanã, então arrumava uma casa, pagava uma mensalidade, ou então pedia para o cara no bar botar na marquise, sempre tem um... Ainda tem isso. Ainda tem. Porque não dá para... Depois de um tempo, até começou a dar, mas é mais trabalhoso você ficar carregando bambu... E todo jogo, quebra um bambu, dois bambus... Você tendo um lugar perto do estádio, você só mantém, qualquer coisa... “Quebraram dois bambus.” Você vai da de semana, bota lá. Não precisa ficar sempre “Ah, vamos carregar tudo, bota na conta”. Tem torcida que faz isso. A Raça... A Urubuzada tem um caminhãozinho, eu não sei onde eles guardam, mas eles botam o material todo no caminhãozinho, aí joga na Kombi que é fantasma, mas tem. Ninguém sabe onde está.

J.M – E a Elba? A Elba substituía a Kombi? Como era?

F.M – A Elba... Quando foi a época da Elba... Porque a Kombi é isso que eu estou te dizendo...

J.M – Veio depois?

F.M – A Kombi foi em 2000.

J.M – Ah, está bem.

F.M – Então, em 1999 tinha também o transporte que ajudava, porque como era campanha, a gente estava ajudando até da Patrícia Amorim, foi a primeira campanha dela, o pessoal que trabalhava na campanha ajudava também. Então, você tinha uma condução que fazia... Eu acho que em 1999 ainda tinha a Elba... Eu não tenho certeza. Mas eu sei que em 2000 entrou a Kombi, era uma Kombi zero. Não tinha porquê ter mais carro nenhum. Era uma Kombizinha 0Km... Então, quer dizer, como a Elba entrava? Não tinha transporte, jogo pequeno, 10 bandeiras, um surdo... O material ficava no centro, porque a gente passou a alugar duas salas, a 1615 e a 1616. Uma ao lado da outra. Então, o material: Camisa, eu não sei o quê... A sede administrativa tinha um computador e a outra tinha uma geladeira, bandeirão... Era tudo... Bandeira, bandeirão, surdo, instrumento musical... Essa sala era só disso. E a sala ao lado era onde o pessoal convivia. Convivia nas duas porque quando estava cheio, nego ficava na outra... Mas aí se passou a guardar nessa salinha, a gente descia, botava tudo no carro e ia embora. Quando era jogo maior, a gente alugava esse frete, não é? Porque aí botava o bambu, aí é quantidade. O clássico, você não podia ir de carro. Clássico, esquece o carro. Não tinha como. No clássico, você bota 20 bandeiras? Como você vai botar na Elba? Não tinha como... [Riso]. Mas a gente fez bastante carreto com ela. Muito. Porque campeonato carioca. Tem três clássicos e quantos jogos pequenos? Uns 10. Então... Era aquela situação: Eu ia a Cidade, lá eu enchia um carro, porque dava. A gente ia ao Maracanã, assistia ao jogo guardava tudo e cada um para a sua casa. Teve uma época até que o pessoal dormia lá. Um ou dois dormiam lá. Ia acordar e trabalhar no dia seguinte mesmo, então já dormia lá. Então era assim.

R.T – Então era assim: Havia uma logística também com relação aos jogos, não é? Quer dizer, dependendo do jogo, vocês definiam qual seria a melhor estratégia: Ou a Elba ou um frete, enfim. A quantidade de materiais também.

F.M – Isso. Quanto maior era o jogo, mais coisa você tinha que levar e, em consequência disso, o transporte tinha que ser maior. Era isso.

R.T – Isso.

F.M – Mas foi pau para toda obra.

R.T – E não havia uma preocupação, por exemplo, com certas bandeiras? Ou com certo material mais importante? Ou o que tivesse uma representatividade maior? Eu digo o seguinte, pela segurança desse material também.

F.M – A segurança era o masseta, entendeu?

R.T – [Risos].

F.M – Era o que a gente podia fazer. Ninguém era habilitado...

R.T – Porque algumas são cobiçadas, não é?

F.M – Na verdade, todas são. O patrimônio da torcida organizada é a faixa, é a bandeira... Porque quando a torcida organizada é punida, proíbem de entrar com o material? Porque é onde você identifica a torcida organizada. Se não tiver a faixa “torcida Jovem do Flamengo”, não tem a torcida. O que quem é a torcida gosta de ver? É a faixa, é ter a bandeira, é ter o surdo. Eles vão à raiz. Eles vão e “pum” “Não pode ter isso”. Então, não tem... É claro que algumas bandeiras, vamos dizer, na época, muito mais antigas, vamos dizer, a Força Jovem do Vasco tinha o He-Man, tinha o Iron-Man, tinha o Chacrinha, então o pessoa queria eram essas. Mas, vamos dizer, as bandeiras da torcida Jovem, a maioria tinha uma estrela e “torcida Jovem”... A maioria. Aí começara a fazer com desenho, Saddam Hussein... Começaram a fazer alguns desenhos, mas se o cara conseguir levar uma bandeira como essa da estrela, está bom para ele.

R.T – [Riso].

F.M – É, porque é da torcida Jovem. Ele não quer saber se tem um boneco, não quer saber, entendeu? Tinham umas que eram famosas, mas, assim, igual. Roubaram o nosso bandeirão. “Porra, roubaram o nosso bandeirão”. Aí a gente fez outra igual.



R.T/J.M – [Risos].

R.T – Essa era a resposta, não é? Fazer igual ou?

F.M – É. Teve uma época em que a gente tinha um bandeirão. Aí tinha uma camisa preta e vermelha. Tinha uma camisa branca. Quer dizer, tinha jogo em que você levava dois bandeirões, 30 bandeiras... Lá no Maracanã era bom, porque dava 100 e poucas mil pessoas. Hoje em dia, não existe isso. Zero. Esquece. Hoje em dia, se você levar 15 bandeiras, você sai linchado do Maracanã. Porque não tem mais espaço... Na verdade, eles tentaram delimitar um espaço para a torcida, que é atrás dos gols. Só o que acontece? Tem o setor um. Sobe um pouco mais, tem o setor dois e o três emenda. Eles só deixam você botar a bandeira do dois para cima. O povão acha que ali ele vai ficar sentado, então vão reclamar com aqueles Stuarts – que é aquele amarelinho? – vai reclamar com ele. E a polícia militar não era para estar dentro do Maracanã, mas eles, assim mesmo, estão. Porque o Maracanã é privado. Eles não tem que agir ali. Mas com a gente, eles vão e ficam. Então, tudo para eles, é um prato cheio... Flamengo e Botafogo na semifinal da Copa do Brasil? Nas finais da Copa do Brasil, a gente recebeu uma advertência por causa de bandeira. Uma advertência por causa de bandeira! Você já viu isso no Maracanã? Eu nunca tinha visto. “Porque atrapalharam as pessoas”... As bandeiras atrapalharam. Entendeu? Então, é isso que o pessoal fica reclama...

R.T – É diferente, não é? De como era...

F.M – Esse que é o divisor. “Ah, o Maracanã”. Esse aí não é mais o Maracanã. É outro estádio, no mesmo lugar, com a mesma fachada. Lá dentro não é o mesmo Maracanã. O Maracanã era aquele com cimento, podia fazer o que quisesse, em termos, não é?

R.T – [Riso].

F.M – Mas podia. Hoje não. Hoje, você chega... O jogo é às 18hs... Outro dia eu cheguei, o jogo era às 18:30 eu acho, eu estava na tijuca, eu cheguei 16:30. Aí tinha uma família

na frente, a senhora foi e botou o pé na cadeira. Sabe? Você está sentado, está tudo vazio, você bota o pé na cadeira. O cara: “Ops! Não pode ficar com o pé na cadeira, não”. Aí o outro pegou um cigarro e “Ô, não pode fumar aqui, não”. Po! Entendeu? Então é uma coisa... O povo tem que entender o seguinte: é cultural. Não adianta. No Brasil, a cultura é uma. “Ah, mas na Europa dá certo”. Na Europa dá certo porque a cultura é outra. Não é a mesma cultura. Não adianta! O calor que é aqui e o frio que é lá. O cara está quietinho, sentado com o casaquinho assistindo ao jogo, já comprou o campeonato todo. Aqui não é assim. “Ah, porque lá na Inglaterra acabaram com o os hooligans”. Acabaram? Eu não sei se acabaram. Todo mundo se transferiu para as divisões de base. A porrada canta do mesmo jeito. Só que na première league, eles não entram. Mas com as de baixo, eles estão fazendo do mesmo jeito. Aí o cara diz: “Não, porque são vândalos! Está vendo na Inglaterra? A lei é firme.” Não tem mais briga lá. Claro que tem. Só que lá é Inglaterra. Aqui é Brasil. Aqui, se você for analisar... Se ficar pegando, você não vê violência toda hora. Não vê. É um jogo que tem. Aí daqui a 6 meses acontece outra situação. Não é um negócio: “Aconteceu uma tragédia, morreram 15.” Não é. Essa situação que acontece também é problema social. O cara é o do tráfico, o cara usa a camisa da torcida, ele nunca passou na sala da torcida, mas ele usa. Aí você vai acertar uma conta, você está me devendo, eu vou lá, te elimino com a camisa da torcida, estou preso? “É coisa de torcida”. Mas não tem nada a ver. O cara não sabe nem o time do Flamengo. Mas para queimar a torcida, eles vão lá e: “Integrantes da torcida Jovem do Flamengo matou fulano de tal”. Mas o cara “[Vapor], do tráfico do morro tal”. O cara nunca foi ao Maracanã. Deram essa camisa para ele.

R.T – Isso é uma coisa que você acha que acontece? Quer dizer, tem a até integrantes que, na verdade, não tem ligação com o futebol e nem mesmo com a torcida.

F.M – Eu não digo nem integrantes.

R.T – Nem integrantes?

F.M – Nem integrantes. Porque, assim, o que acontece? Chegou uma época, em que a torcida foi meio que obrigada a expandir. Expandir no sentido... Vou te explicar. Só

vendia a camisa com carteirinha dentro da sede. Você tinha a camisa, você era da torcida. Porque quando você se inscrevia ou estar fazendo a ficha de inscrição, você já... Com o valor que você pagava, você já recebia a sua carteirinha na reunião da torcida Jovem, você recebia sua carteirinha na reunião geral junto com a camisa. Então, obrigatoriamente, você ia à torcida, pelo mesmo aquela vez se inteirar, na reunião o presidente – alguns mais antigos – falavam o que era o que não era... Então, você se inscrevendo, você sabia o que era. Você estava disposto teoricamente a participar daquele ambiente, vamos dizer assim. De um tempo para cá, o que aconteceu? Foram chegando revendedores, lojas, fabricante: “não quer fazer a camisa da torcida comigo, não?” “Porque a gente vai vender no Brasil todo...” “Ah, está bom. Vamos fazer”. A Torcida Jovem chegou a ter camisa da Finta, que é uma marca mais...

J.M – De material esportivo?

F.M - Maior. Nenhuma torcida teve a Adidas... Mas a Finta era uma marca maior. Então, quer dizer, fizeram contrato, tinham royalties... Tinha toda uma estrutura, só que você ia ao shopping, a torcida Jovem está ali. Aí você eu não tem nada a ver, chega lá “Bonita a camisa, vou dar ao meu filho”. “Toma aí”. Ele nunca nem foi ao Maracanã. Não sabe nem onde é a torcida. Não sabe nada. Mas tinha uma camisa da torcida. Como, hoje, acontece. Você vai à Uruguaiana, tem camelô que pirateia a camisa da torcida. O cara pode ser simpatizante ou então gostou do modelo, “por favor compra essa?” Eu sou flamengo... Compra. Usa. Qualquer besteira que ela fizer, é a torcida Jovem do Flamengo. É o que acontece. Muitas vezes a gente recebe a condição por causa dessa situação. Tem 50, o que jogou a pedra nunca foi na torcida, mas está com a camisa da torcida. Aí quando a polícia pega: “Olha só”. “Ah, mas...”. “A camisa é da torcida.” Até a gente bate bastante na tecla, “quando vocês prenderem alguém ou fizerem alguma situação, vocês tem que conferir carteirinha, se tem registro na torcida...”. Aí ele é da torcida. Agora, se ele só está com a camisa, é complicado, porque, assim, todo mundo é brasileiro. Aí você coloca a camisa da Nike no Brasil e sai na rua. Brigou. Que vai preso? É o Lula? A Dilma? Vamos dizer. O cara da camisa do Brasil. Ou então, se rebaixar, quem é que comanda a CBF que comanda a seleção? Aí, vai lá e prende o Marin. Você que é o responsável, você que autorizou essa camisa, você que comanda a CBF. Como ele é da nação, você quem vai responder. Eu não conseguir individualizar o fato, quem vai responder é a CBF. E é isso

aí. É o que acontece na torcida hoje. Eles não individualizam. Até o último congresso que a gente foi, São Paulo – não sei se era factóide – mas São Paulo, o promotor lá, que é até o do consumidor, o Cesini, é até o que está investigando a situação do Portuguesa. Ele e o que comanda lá – o criminal – eles estavam falando nesse sentido. Que a intenção deles lá era individualizar. O debate foi que “tudo bem, vocês fazem um seminário sul-sudeste”. “Vamos fazer um seminário sul-sudeste”. Quem está na mesa? Promotor de São Paulo, delegado de São Paulo... Eu falei: “Olha só, tudo o que vocês estão falando aí não serve para a gente”. Porque em São Paulo acontece uma coisa. No Rio, acontece outra. Lá em São Paulo tem uma lei estadual que proíbe bambu. Não pode bambu lá. Eles devem ter raiva da gente por causa disso. Por aqui pode bambu, lá não pode. Um dos motivos. E o que acontece? “Ah, mas o bambu...”. O Bambu tem muitos e muitos... Eu acho que, pelo menos, há dez anos que não tem nenhuma briga com bambu, que me lembre. Na verdade, o Maracanã hoje não tem briga. Hoje. Não tem briga. Pode ser que na rua um bêbado brigue com outro, mas, assim, o cara tem que ser muito burro para brigar no Maracanã hoje. Porque lá dentro, a câmera alcança o número da cadeira, quer dizer, você é pequeno, fez uma merda, descubra a expressão, mas vai segurar. Em dois minutos o cara chega, o cara pega o numerozinho desse tamaninho? Então se o cara fizer uma merda lá dentro, ele é muito burro. “Eu estou a fim de responder por alguma coisa”. Lá fora a mesma coisa. Tanto é que em clássico, eu nunca fiz isso. Apesar de eu não ser conhecido, porque o Zé Maria é conhecido, eu passo batido por quê? Porque eu sempre procurei, como eu posso explicar? Participar da torcida em coisas mais administrativas. Por quê? Eu sempre gostei de outras situações, de tocar um pagode... Então como eu ia a um lugar tranquilo se eu fosse conhecido, vamos dizer, e tocar um pagode na zona norte? Que era cheio de Força Jovem do Vasco? Está arriscado tomar uma... Entendeu? E por aí vai.

R.T – Eu queria que você comentasse um pouco sobre essas rivalidades? Porque eu acho que são importantes. Talvez para a gente compreender melhor essa lógica das rivalidades. Você está dizendo que hoje em dia... Quer dizer, tem uma diferença em relação a maneira como as coisas aconteciam. A rivalidade é importante, ela faz parte dessa história. Mas como você vê esse processo no passado, enfim, quando você fez parte?

F.M – É assim: A rivalidade...

R.T – Quais são as rivalidades mais importantes? Como elas...

F.M - A rivalidade para a gente da zona sul é o Botafogo. Antigamente era a Jovem do Botafogo - que era aqui no Rajah - e depois foi a Fúria. Mas a Fúria é um pessoal mais da Tijuca. A Fúria é bem misturada. Torcida organizada tem uma situação também que é assim: Todo mundo da minha rua aqui é da Jovem. Eu sou Botafogo, sou da Jovem também. [Vai a jogo] todo mundo. O cara é botafogo e está na Jovem. O cara é Flamengo e está na Fúria. Entendeu? Tem essas situações. Então aqui na zona sul, sempre foi o Botafogo. O Fluminense... Não dá para comentar...

J.M – O Frajola que não te ouça [Riso].

F.M – Mas ele...

J.M – Ele sabe... [Riso]

F.M – Ele é a figura que não dá para comentar [Riso].

R.T/J.M – [Risos].

F.M – Mas tudo bem. A gente fala para ele, botando pilha nele: “E aí? Trouxe o pompom?” A gente bota essa pilha nele. Tem essa pilha da gente que se tornou amigo por causa da Federação, aí tem essas pilhas assim. Ele na cruz vermelha dia desses: “Não, não sei o quê, o ônibus capotou, não mais quê”. Porque eles estavam oferecendo um curso de 20hs de primeiros socorros. Ainda vai ter, só que teve uma burocracia da Secretaria do Trabalho que vai pagar a Cruz Vermelha porque o serviço deles, o curso é pago, então eles pagam a Cruz Vermelha e a Cruz Vermelha faz para a gente de graça. Então essa burocracia de pagar, não sei o quê é que está meio atravancado. Mas agora eu acho que vai sair. Aí ele: “Po, o ônibus virou...” Eu falei: “Mas você não se machucou, não é? Estava cheio de pompom o ônibus”. “Bateu no pompom, amorteceu”. [Risos]. “Ou então virou purpurina”. Então Fluminense aqui na zona sul, não tem. Era Botafogo. E Vasco,

sempre foi mais para a zona norte. O pessoal da zona norte é mais Flamengo e Vasco. Se você for a um jogo, Flamengo e Botafogo, você vai ver que vai ter mais gente da zona sul na torcida, eu não estou falando do estádio todo não.

R.T – Sim.

F.M – Você pode analisar, vai à Jovem em Flamengo e Botafogo, vai ter o pessoal geral da zona sul. Agora vai Flamengo e Vasco, vai mais o pessoal da zona norte. Porque a rivalidade deles é mais com o Vasco. Ele tem mais Força Jovem do Vasco lá.

J.M – Você ia ao estádio de ônibus ou não? Sempre de carro? Porque tem umas histórias, quando o ônibus passava no Rajah ou dá a volta...? Como que...

R.T – É.

F.M – A maioria das vezes, eu não estava nesse ônibus não, porque justamente...

J.M – Estava carregando material?

F.M – Tem isso também.

R.T – [Risos].

F.M – Carregando o material, sempre estava nesse serviço burocrático, então geralmente eu não estava nesse ônibus aí não. [Riso].

J.M – Está bem. [Riso].

F.M – Mas aí você tem o metrô, têm vários... Ou então você ia com amigo, por que aí “eu estou na torcida”, mas no final “vou contigo”. Entendeu? Tem essa situação também, porque aí mora... Meu vizinho: “Ah, estou de carro sozinho, vamos comigo?” “No estádio, eu vou ficar na Torcida, mas quando a gente for embora, eu te encontro, a gente

vai embora”. Eu sempre procurei estar meio afastado dessa situação porque também tem a situação da família, porque o meu avô é procurador de Justiça aposentado, então...

R.T – E a sua mãe? Eu nem perguntei.

F.M – A minha mãe trabalha com serviço administrativo. Trabalha na associação de hospitais no estado do Rio de Janeiro. Trabalha lá há 25 anos, mais ou menos. É serviço administrativo. Então o que acontece? O meu avô é procurador de Justiça aposentado. Então eu sempre evitei, porque você está no tumulto, vamos dizer, aí a sua cara na televisão?

R.T – Então você nunca esteve, Fábio? [Riso].

F.M – A maioria das vezes, não. Eu evitava. Eu fazia a burocracia mesmo. Carregava bandeira... Aí o pessoal vai atrás do povo, eu ficava tomando conta do material. Teve uma época em que não precisa botar não, mas que a minha mulher ia a todo jogo comigo. A minha ex-mulher. Se botar, a minha nova mulher que é Flamengo, fanática, vai ficar aborrecida. Pode citar ela, a nova, a velha não precisa não. [Riso].

J.M/R.T – [Risos].

R.T – Alô edição, não é?

J.M – Só uma parte, ontem eu fui a um aniversário de criança, aí eu estava com ela. Aí um amigo botou um vídeo - era a festa de 10 anos do filho dele -, ele botou o vídeo, o desgraçado, da festa de 3 anos em quê? Eu estava com a minha ex-mulher. Daqui a pouco eu fui ao banheiro, quando eu estou voltando, eu olho o telão, está passando a ex-mulher, eu... “Hum”... Voltei. “Caralho, você não podia escolher outro aniversário? De cinco, de seis? Tinha que ser o de três?” [Riso] “Por quê?” “Não tem nada a ver, Marco, porra”. A mulher se sente mal, não é? Você está em uma festa com o seu marido hoje, aí está passando a ex-mulher lá. Se sente mal. Não podia escolher outro aniversário, não?

“Quebrou-me”. “Não acredito?” “Mas tudo bem”. Aí eu até me perdi. Eu não sei nem o que eu ia falar.

[Fim do 1º arquivo]

R.T – Então, Fábio, eu queria que você falasse um pouco sobre as viagens? Você fazia? Viajar com a torcida...

F.M – Eu até viajava, mas eu viajava menos. Muitas vezes, viajei de carro. Justamente porque pelo trabalho e por outras situações eu não tinha como abandonar para ir. Entendeu? Então, eu não viajei bastante. Eu viajei pouco.

J.M – E você costumava ir para onde?

F.M – Para mais perto: Minas, São Paulo... Viajem mais longe, ficava mais pesado. No sul, para o Paraná são 16 horas. Porque assim, a viagem como acontece? Marcou meia noite, o jogo é 9hs do dia seguinte. O ônibus não sai meia noite. Sai 3hs, 4hs, 5hs da manhã. Quando você está quase chegando ao estado, você entra ao estado, a polícia de bloqueia. “Vamos te escoltar até o estádio”. Em muitos estádios, ou você vê o segundo tempo, ou você não vê. É raro o jogo em que você vai ver o jogo todo, que eles deixam você vê o jogo todo. Então ainda tinha isso, não é? Você vai viajar para ver meia hora de jogo. Se ferrar todinho aqui, para ver meia hora? Então viagem, eu viajei pouco. Eu viagem mais em tiro curto mesmo: São Paulo, Minas... Mais esse tiro curto. Agora, não fui muito ao Sul... Não fui muito de viagem não.

R.T – Você foi batizado, Fábio?

F.M – Que eu me lembre...

R.T – Você passou pelo batismo? [Riso]

F.M – Aí complica, não é?



R.T /J.M – [Risos].

F.M – Não, batismo o quê? De ônibus? No ônibus?

R.T – É.

F.M – No ônibus, o que falam o “rala”, todo mundo tomou “rala” no ônibus. De ficar 15 no banheiro. Também tomei. Todo mundo passa por isso. Eu participei, sim. Dei, tomei... E por aí vai.

R.T – É uma marca às viagens, não é?

F.M – É. Por quê? 15 horas ociosas. O que a pessoa faz? Não vão ficar ociosos. Vão beber, vão dar raça nos outros. Só que alguns “ralas”, algumas situações ficaram meio... O “rala” ficou meio pesado. Aí quando chega a esse ponto eu acho que... Tirava a gente de viagem, entendeu? Porque o cara ia viajar, saía e volta quebrado... [Riso]. Com braço quebrado. “Estava aonde?” “Fui ver o jogo do Flamengo”. Foi, mas tomou um “rala” em que se quebrou todo. Aí tinham essas situações assim. E bota para o lado de fora da janela para tomar o vento... Tem várias situações... Vão em cima do bagageiro e por aí vai. A imaginação deles é imensa. [Riso].

R.T – É difícil de controlar mais nas viagens?

F.M – Só tem em viagem. É difícil de controlar. É impossível de controlar. Não tem como. Tem viagem, tem.

R.T – E há viagens mais problemáticas?

F.M – As viagens problemáticas são as viagens em que a rivalidade é maior.

R.T – Por exemplo?

F.M – Você viajar para um Flamengo e Palmeiras no Parque Antártica é complicado. Já no Pacaembu é mais ou menos. No Parque Antética é complicado porque é uma ruazinha, o ônibus entra na ruazinha assim e geralmente você desce do ônibus voando pedra, não é?

R.T – Tem escolta? Como é essa relação com a polícia?

F.M – Tem, mas cada estado faz o seu procedimento. Tem uns que deixam mais frouxo... Aqui eu não sei como está ocorrendo, mas eu acho que, aqui, o GEPE tem segurado a onda. Aqui eu acho que eles tem... Eu não sei como é essa situação aqui de segurar a torcida até tal hora para entrar. Eu não sei. Depende, eu acho, da torcida. Isso depende. Eu não sei como está o esquema, porque eu estou meio que ajudando na Federação, mas eu evito me aprofundar com alguns assuntos que eu sei que não tem resolução. Então é melhor você nem tomar conhecimento. Entendeu? Você não toma conhecimento, porque aí você toca o barco.

R.T – Como você vê a criação do GEPE aqui no Rio? Qual a diferença com os outros estados, quando eles conduziram essa questão da violência ou o problema do enfrentamento aqui?

F.M – Eles são a polícia especializada no estádio, que a maioria dos estados não tem. É bastante diferente. E na visão geral, eles trabalham bem. Na visão geral. Claro que um excesso para cá, um excesso para lá, mas isso vai ocorrer em qualquer segmento da sociedade. Qualquer segmento. O guarda de trânsito vai respeitar e desrespeitar outro. Entendeu? E por aí vai. Então, tem situações que são tranquilas e tem situações que não são tranquilas. E o que acontece é quando tem algum problema maior é assim: Quem vai fazer a escolta da torcida é o pessoal que é de outro time. No grupamento que vai de escoltar, tem dois ou três que são da Força... Aí ele vai mirar qualquer besteirinha ele vai em cima. Ele está ali para ver o erro. Ele não está mais maleável. Entendeu? Se o cara não é do futebol... Eu sou América, vamos dizer: “Vamos lá, segue esse caminho aqui, chegou ao estádio, entra e tal”. Acabou. Mas se o cara é de outra torcida e está te

escoltando, ele é Vasco, é da Força Jovem e está escoltando a torcida Jovem do Flamengo. Aí ele vai com um pouquinho de ódio no coração.

R.T – [Riso].

F.M – Vai.

R.T – Vai interferir no seu procedimento. [Riso].

F.M – Ele vai ser mais ríspido em certas situações. Se for tudo certo, não tem o que fazer. Mas se começar um tumulto eu e você, aqui, saiba que a primeira porrada já vem na cabeça. A primeira é na cabeça logo para machucar. Já racha a cabeça, já dá na perna e toca o barco. Quebrou um, quebrou dois e vai embora. Mas se for todo mundo certinho. Está tudo certo. Aí tem essa predisposição. Entendeu: Se ele for Flamengo, ele pode bater, mas bate mais fraco. Bate no braço... [Riso]. Se não for, já dá na cabeça. É porque hoje em dia também, o que acontece? Hoje em dia até o mendigo tem filmadora. Então, certas situações... Todo mundo tem. O cara tem aquele celularzinho que só liga, as ela está só... Quando você chega em casa, o seu rosto está lá no Jornal Nacional. Não tem para onde escapar. Então diversas situações são controladas através disso. “Po, estão filmando”. Você vê o episódio da final, não é? Quanta gente entrou... Por acaso, eu acho que quase todos eram da minha torcida. Mas ninguém quebrou a porta. Quem abriu a porta lá foi a polícia. Porque qual era o esquema lá? Aqui são as roletas. E aqui era um cerco de grade com portão aqui. Então como acontecia? “Urubuzada?” Aí vinham os integrantes, botava o material todo nessa área: Bandeira, faixa... A polícia revistava, eles abriam o portão, quem estava com ingresso entrava, dois três, porque não podia entrar todo mundo por ali. E o resto entrava pela roleta e ficava esperando ajudar a levar. Aí resolveram todas as torcidas. Só que ficou uma equipe aqui nesse portão. Aí eles começam a fazer a pressão. Eu acho que a pressão foi tanta, que a polícia foi abrir o portão e entrou, pelo menos, mais de 200. Entraram! Mas como foi a polícia que abriu, passou um vídeozinho depois e “pum” morreu. Porque ninguém quebrou nada, ninguém... Sabe? Eles fora, lá e abriram o cadeado. Porque se não, estaria a porta arrombada lá, o cadeado quebrado. Não. Tem filmagem. Eles abriram o cadeado. Aí entrou uma galera. Entrou nego com ingresso,

entrou nego sem ingresso, entrou com ingresso também sem destacar. Porque o Maracanã é uma zona. Ali. Só não tem mais problema porque o pessoal é novo. Se fosse o quadro móvel da SUDERJ antigo, não ia entrar metade da renda que aparece no placar. Não ia entrar. Porque antigamente, tinha roletinha, uma roleta aqui, o cara: “Oh, vai passar 10”. Aí nego dava R\$10 Reais e “puf”. Eu nunca fiquei de fora do Maracanã.

J.M – Mesmo sem ingresso?

R.T – [Riso].

F.M – Não... Sempre tive ingresso. Mas eu nunca fiquei de fora do Maracanã, não. Sempre tive ingresso, ressalta isso.

J.M – [Riso].

F.M – Eu sempre tive ingresso. Mas nunca fiquei de fora. E quem vai para lá, sempre entra. Sempre tem um... Aparecem ingressos. Aparecem, em épocas, aparecem entradas... Sempre tem isso. No Maracanã, sempre foi assim. Flamengo voltando a jogar no Maracanã – Flamengo e Cruzeiro – o pessoal com ingresso na mão, entrou sem destacar. Se não tivesse uma barreira tão grande, o cara ia lá à grade e “entra outro”. Você vê, na boa fé, com ingresso na mão. Não é sem ingresso não. Ingresso na mão. “Aqui o ingresso, sem destacar, aqui como eu entrei no Maracanã”. Uns três. Isso que eu conheço. Só que não teve como dar para ninguém porque estava um tumulto para entrar e não tinha nem como fazer um aviãozinho. Não tinha.

R.T – [Riso]. Tanta gente querendo, não é?

F.M - Não tinha como passar os ingressos para frente, porque tem as roletas e você está atrás das roletas. Então tem as grades, a roleta e você. Então não tem como você entregar esse ingresso. Mas e a contabilidade do jogo? Vê como é esse esquema? Então tem essas situações. Se tivesse um cadeadinho quebrado, aí... “A torcida Jovem do Flamengo...” “Viu aqueles vândalos lá? Quebraram a porta e invadiram o estádio.”.

R.T – Como você vê, então, essas modificações no estádio? Pensando nesse cenário atual, não é? E essas rivalidades entre as torcidas, enfim... E o próprio estatuto do torcedor, que é uma legislação específica para tratar de modo geral da condição torcedora.

F.M – O estatuto do torcedor, para mim, não existe. Porque ninguém usa. Não existe. Até por culpa um pouco nossa, porque se você toda hora for... Você vai a um jogo e for o estatuto do torcedor, todo jogo você vai sair com uma açãozinha nova. Todo jogo você vai protocolar uma. “Aí, dá entrada aí”. Em todo jogo. Porque sempre tem desrespeito ao torcedor. Sempre. Se não é no banheiro, é no bar. Se não é no bar, é na arquibancada. Sempre terá um lugar para você demandar. E ninguém demanda. Então a culpa é um pouco do povo. A lei não pega, porque o pessoal, em todo jogo, entrasse com a ação, 1.000 entrasse com ação? Ia causar um tumulto. A lei ia explodir hoje. Mas não é o que acontece. O Estádio. A estrutura do estádio?

R.T – Isso. Essa modificação sofrida pelo estádio, como isso se relaciona com as torcidas? Com esse comportamento das torcidas...

F.M – Não foi bom para as torcidas, porque na arquibancada são várias divisões, várias cadeiras e a entrada tal em entrada tal. Então você... Aqui no Rio não é respeitado o lugar, entendeu? Só na Copa das Confederações foi respeitado. Eu conheço gente que foi e o cara falou que sentou no lugar que comprou. Mas no estadual, você senta onde você quiser. Se você comprar no setor 1, você vai sentar atrás do gol todo. Escolhe um lugar e senta. Você comprou para o setor 2? Você vai escolher um lugar lá e senta. Por que isso prejudica a torcida? A torcida organizada geralmente compra o lugar do estádio mais barato, que é atrás do gol. Sendo que esse lugar não é só franqueado à torcida organizada. O sócio torcedor compra também e aí? O cara é sócio torcedor, chegou 20hs da noite, o jogo é 21:30, a torcida só entra 21:15, quando não entra depois. Então, você chegou lá e tem um cara sentado lá. “Ah, não vou levantar”. Aconteceu já? Não aconteceu. Mas pode acontecer. O cara “não vou me levantar”. Mas “aqui é torcida”. “Não vou me levantar, chama a polícia”. Vai dar um problema. Porque o cara está no direito dele. Em contra partida, só franquearam aquele lugar para torcida. Só aquele ali que pode bandeira. Como

você vai fazer? Eles só deixam bandeira do setor 2 para cima. Se o cara sentar no meio do setor 2 e na frente estar uma bandeira? Entendeu? Aí pode acontecer igual eu já falei de a gente receber a notificação e a próxima é punição. “A bandeira atrapalhou o público”.

R.T – Certo. É porque uma das ideias é que esse público assistiria sentado a esse jogo.

F.M – Sentado.

R.T – Mas como, enfim, isso não é possível tanto assim, então... [Riso].

F.M – Não é possível. Atrás do gol, 80% assistem em pé. Porque como a arquibancada, hoje, é atrás do nosso gol, comportam, eu acho que 24 mil, atrás do gol. E ali está dividido: É Urubuzada, Fla Manguaça, Jovem e Raça. Eu não sei onde vão colocara Falange que está voltado agora, que seria no lugar da Fla Manguaça. Eu não sei onde vão colocar. E se vão colocar também. Tinha a Dragões que era depois da Raça. Então ali atrás foi feito uma divisão nova. Eles sentaram e falaram: “Olha só, pilastra tal a tal é Urubuzada; Pilastra tal a tal é Fla Manguaça; a Jovem é da 45 a 47;” Então as torcidas tem as pilastras. Se você “Ah, vou à Jovem”. 45 a 47. Você pode ir na 45 a 47 que você vai ver a gente lá. Pode ir lá ao estádio. Quem vai me encontrar, “Olha só, você quer me encontrar? Vai a 45”. O cara já chega direto, vai ali e vai me achar tranquilo, entendeu? Então essa divisão teve que ocorrer para dividir o espaço novo. Aí o que começou a ter de dificuldade para a gente? Faixa. Baniram faixa da gente, como era. A faixa antigamente... Não sei quantos metros de faixa. Teve uma época em que a gente teve duas faixas grandes: Era “Torcida” e “Jovem”. Na época em que o placar ficava aqui. Então era “Torcida” e “Jovem”. Ficava atrás do gol todo. Hoje a gente uma faixa de 10 metros, eu acho. Pequeninha. Por quê? Só pode botar no murinho atrás do gol ali. E o murinho ainda tem a escadinha. Então não pode na escadinha. Aí você tem que botar aqui assim.

R.T – E são todas aquelas torcidas ali tendo que...

F.M – Para botar faixa. E onde tem um espaço melhorzinho, ninguém vai. Aí colocam outras torcidas de louco. É Fla moeda. Fla Amil. O cara vai lá, senta lá no meio e bota

“Fla Moeda”. Mas o cara está vendo o jogo e botando a faixa em um lugar que é R\$100 a meia, vamos dizer. Não é atrás do gol. E ele não tem o local tradicional no Maracanã. Ele nunca teve espaço no Maracanã. E essas maiores sempre tiveram. Então a Jovem não vai chegar e pegar a faixa “vou fazer e botar em cima da de todo mundo. Se tiver faixa, eu vou tirar. Vou botar no meio. Aquela parede toda lá é nossa.” Podia acontecer? Podia. Mas a gente não faz por quê? Porque o local é tradicional é atrás do gol. Então fica aquela “Jovem”. Aí tem a punição. É nada do Flamengo, é tudo pelo Flamengo. Voltou a torcida? Torcida Jovem. Aí vai assim. E quando está na punição, a gente fica só com a bandeira do Flamengo grande até um jogo antes da final. Até o pessoal foi lá: “De quem é esse bambu?” “Eu pedi emprestado”. “De quem?” “Pedindo.” “E a bandeira?” “É nossa, do Flamengo.” [Riso].

J.M / R.T – [Risos].

F.M. – Já queria implicar com a bandeira do Flamengo, com o bambu. É complicado.

R.T – É mais tensa então essa...

F.M – É. Porque eles, eu acho que eles gostariam que a gente ficasse sempre punido, porque aí não teria problema. Problema aparente. Eles diriam: “Menos uma para a gente tomar conta lá dentro.” Mas no estádio, é besteira isso, porque não tem problema no estádio. Sabe qual o problema do estádio? Hoje não tem mais bebida. O problema do estádio é subir em cima da cadeira. Só. Hoje.

R.T – Agora essa proximidade entre vocês ali não é problemática?

F.M – Não. Não tem problema. Porque é aquela história: Hoje, as partes do Maracanã não se interligam. Eu não consigo chegar do outro lado. Nem no meio eu consigo chegar. Se eu comprei para trás do gol, eu só tenho acesso atrás do gol. O Maracanã antigo, você rodava o anel todo.

R.T – Todo.

F.M – O antigo mesmo, você rodava em cima e embaixo. Aí tinham as brechas. Nego vinha por cima, vinha por baixo, vinha na rampa... E não tinha uma polícia especializada, não tinha o aparato que tem hoje. Mas era uma situação mais romântica. É errada a briga? É. Mas era uma briga na mão e, no máximo, tomar uma bambuzada.

R.T – É isso que eu queria que você falasse. Essa diferença entre aquela briga naquele momento nesse estádio e um pouco hoje. Porque ali está tudo controlado, mas também parece que fora, enfim a coisa perdeu um pouco...

F.M – Mas é muito isso de que eu falei antes. Fora das redondezas, está controlado também. Qualquer distúrbio pequeno, já tem cinco ou seis policiais que “pum”. É o que eu comecei a falar e me perdi. Eu nunca estacionava na UERJ. Um exemplo. Todos os clássicos do Brasileiro, eu estacionei na UERJ. Todos. Cruzando com torcida adversária. E ninguém nem olha para o outro. Passa tricolor pelo Flamengo. Flamengo pelo tricolor. Botafogo... Passa. Mudou o perfil de quem frequenta o Maracanã. Mudou. Não tem nada a ver com oito anos atrás, sete anos atrás. Não tem nada a ver. Zero. Hoje, o pessoal parece que está indo para a festa em vez de ir ao Maracanã. Mudou. O público que frequenta hoje não frequentaria antigamente. De jeito nenhum. Hoje, mudou. Primeiro pelo preço dos ingressos, não é? Agora, jogo contra time pequeno com o Flamengo, são R\$60 Reais. Time pequeno. Domingo, vai passar no Globo: Flamengo e Audax. R\$60 Reais. O mais barato. Como a base vai? Não vai. “Tudo bem, mas o sócio torcedor paga a meia da meia”. Está bem. Eu pago meia da meia também. Sou estudante e sou sócio torcedor. Está bom, eu vou pagar R\$15. Aí obriga o quê? O pessoal fazer carteirinha. Aí cria outro comércio. O da carteirinha de estudante. Cria outra situação. Por causa desse negócio. Eles botam R\$60 para isso. Para chegar no R\$15. Entendeu? Mas se você não é nada. Você vai ter eu pagar R\$60. E é complicado você pagar em um jogo R\$60. Flamengo e Audax, com televisão o Globo. Não é nem fechada, não.

R.T – Mas a torcida consegue comprar esses ingressos...



F.M – Desde 2000 que o Flamengo não dá mais nenhum ingresso para a torcida. Dá. De 2000 para trás, já deu, já teve ingresso de graça, já teve ingresso a 30%, já teve a 50%. Já tiveram todas as formas de ingresso. Agora, de 2000 para cá, o máximo que tem ocorrido é o seguinte, eles disponibilizam a quantidade, que varia de jogo para jogo, e deixam essa quantidade a 50%. É isso o que eles estão fazendo hoje para a torcida. Hoje. A intenção da nova diretoria era não fazer nunca mais, nada. Conseguimos uma brecha em que eles estão fazendo isso. Jogo é Flamengo e Audax? Eles sabem que é horrível o jogo, eles: “Vocês tem direito a 1000 ingressos a 50%. A carga de vocês, vocês podem pegar até 1000.” Cem para a Jovem. 100 para a Raça. 100 para... Mil dividido por todas. Claro que a Raça e a Jovem tem mais. Na Tor Fla, a divisão era 40% para a Jovem, 40% para a Raça. Para você que a divisão era pelo tamanho da torcida. Era 40% para a Jovem, 40% para a Raça e 20% para as pequenas. Então duas torcidas levavam 80%. E Dragões... 20%. Um levava 30 ingressos, o outro... [Riso]. Era a divisão. Da Tor Fla, acordado por todo mundo. Hoje, não tem mais isso. Eu acho que não tem nem essa divisão assim... Hoje: “Tem 500 ingressos”. Então a Jovem leva 150. A Raça 150. Sobram 200. Aí 100 para Urubuzada, 50 para Fla Manguaça e acabou. É assim. Hoje é assim. Então a torcida parte do R\$30, vamos dizer. O jogo é R\$60. A torcida pagou R\$30 Reais. Sendo que para sobreviver, ela não pode passar por R\$30. Vai passar por R\$40. Quem tem R\$40 para dar? Domingo... Quarta-feira o Flamengo joga de novo. Domingo joga de novo. Aí no outro domingo, é um clássico em que não é mais R\$60. É R\$100! Quer dizer, o preço da torcida, vai ser R\$60. Porque tem 50%, mais R\$10 Reais, R\$60. R\$60 Reais. Sendo que eu te dou R\$60 aqui, eu estou gastando R\$60 aqui, só com a entrada! E ele não tem sede? Não tem fome? Vai ao estádio como? Então é complicado. Algumas situações se explicam nisso. “Ah, o trem é tumulto, pula a roleta”. Por quê? Porque o cara não tem. Já gastou o dinheiro todo dele no ingresso. Ônibus, nego anda no teto. Passa a roleta. Hoje em dia, nem tem mais, não é? Calote. Isso aí eu acho que nem tem mais.

R.T /J.M– [Risos].

F.M – Nem dá, não é? Porque é na frente.

R.T – É.

F.M - Antigamente que tinha. Hoje nem tem mais calote. Mas aí vai desencadeando alguns atos ilícitos que não é nem porque o cara quer, mas ele é obrigado a fazer para poder ir ver o Flamengo. Porque é mais importante ir ver o Flamengo. Ele está se arriscando, mas ele vai. Ele já tem o do ingresso. Ou então ele não tem nem o do ingresso, vai para o estádio arrumar lá. Aí pede R\$5 aqui, R\$10 ali, quando vê o cara está lá dentro. Eu não sei como, mas está lá dentro. Aí pede: “Po, não dá para...” Entrega o ingresso. Teve uma época em que eu tomava conta do ingresso – nessa época o Flamengo dava – se eu não me engano, era quando o presidente era o Edmundo dos Santos Silva, tinha jogo em que a gente chegava a dar 100 ingressos, mais ou menos. Quando via, a gente pegava 200, vamos dizer. Quando a gente via a listinha, 100 eram gratuidades. Aí o cara: “Po!...”. Antigo. “Ah...” Toma. Porque a torcida é meio assim: Antiguidade é posto, não é? Então o cara chega lá e diz: “Po, 30 anos de torcida...”. “Toma o teu ingresso aqui”. Entendeu? É meio assim. Muita gente faz isso também porque não... Tem até o dinheiro para comprar, para pagar, quem tem, pelo menos, gostaria que a torcida vendesse pelo preço de custo. “Eu não estou te pedindo nada, eu só quero preço de custo”. “Você não vai ganhar em cima de mim não”. E me ajuda aí, porque uma final... Essa final agora... Po! Correria total. Eu comprei o meu ingresso rápido porque eu sou sócio torcedor. Eu entrei como sócio torcedor, aí você paga o eu é o mais pobre, R\$39,90. Tem direito ao quê? A comprar o ingresso na ordem... Você é o último da ordem da cadeia alimentar. [Risos] O de R\$39,90 é o último. O primeiro é o de R\$200. Mas esses R\$200 tem o direito do quê? A só comprar o ingresso na frente. E 10% se for comprar uma camisa, que não seja de jogo. Porque até isso mudaram. Porque antes, a camisa de jogo, você tinha 10% também. Hoje, você não tem mais. Hoje, o que eles fazem? Até o dono da loja Espaço Rubro Negro é amigo nosso, o Zé Maria, conhece?

R.T – Aham.

F.M – O que eles fizeram? Eles tiraram esses 10% de abater na camisa da Adidas, e dão o número e o nome. Eles te dão. Trocaram o desconto. Mas se for ver, isso não tem nada a ver com o nosso papo aqui, mas se for ver, eles perderam dinheiro. Porque cada letrinha daquela lá, eu acho que era R\$2 Reais. Cada número, eu acho que era R\$15 Reais. Eles davam 10% na camisa! O número ia ganhar muito mais dinheiro. Olha a minha, comprei

uma camisa preta. 38, que é a minha idade, R\$30 Reais. Fábio Massá, quanto eu não ia ganhar? Quase um galo.

R.T – [Risos].

F.M – Ué?! Mas é! [Riso]. Mas trocaram esse esquema. Aí a situação do estádio é isso: Para a torcida foi uma droga porque acabou a estrutura de faixa, bandeira é complicada porque sempre tem alguém “abaixa a bandeira”. E tem uns caras... O cara mora em Brasília, lá em Brasília no ano passado tiveram alguns jogos, o cara até pode curtir alguma coisa, mas aí o cara de Brasília vem curtir a final do Rio. É da Jovem. O que ele vai querer? Balançar a bandeira. Ele vai ficar o jogo inteiro. Aí nego: “Abaixa a bandeira!”. Ué? A cultura é da bandeira, mas também até eu que era amigo, eu estou dando esse exemplo porque era um amigo, eu falei: “Po, abaixa essa porra aí e deixa a gente ver o jogo”. Final, não é? Você quer ver o jogo! Tem gente que não quer, mas eu quero. O jogo inteiro [Fábio simula o aceno da bandeira]. Mas aí você que está acostumado, você que conhece, pode até dar um grito e os caras te obedecem, já acontece isso. Imagina você, hoje, chegou: “Ah, vou ao Maracanã”. Na sua cara, passa o pano por você [Fábio simula o aceno da bandeira], você não vai poder falar nada. Vai ficar por isso mesmo. Quando é um pouquinho mais esquentadinho, vai na polícia. Aí é que dá esse problema.

R.T – Aí é que dá esse problema. Essa é a dinâmica, não é? Vamos dizer assim.

F.M – Foi o que quase teve um tumulto na final. Teve aquele disse-me-disse lá em cima. Por causa de bandeira. Aí pega um – a gente fala que quem não é de torcida é povão – pega um povão mais esquentado cheio de grau, quer arrumar tumulto: “Po! Vocês estão em pé, vocês estão com a bandeira na minha frente!”. Aí em uma discussão acaba saindo um tumulto. Porque aí no meio disso, um já chega e “bum”, aí deu o primeiro, já era. Deu o primeiro, nego não quer nem saber. [Riso]. Por isso, acontecem algumas confusões, mas nesse estádio novo, eu não vejo isso não. É bem raro. É final, jogo atípico, porque na final o cara sai do trabalho ou sai de casa, ou ele vai a um barzinho beber uma cerveja ou ele vai mais cedo ao estádio, para beber uma cerveja e já entra no clima, porque no Maracanã não vende cerveja. O cara já entra... Se for ao começo do jogo, qualquer tumulto, o cara já está mais alterado um pouco. Não é que vai ter tumulto, mas o cara tem

uma tendência. Aí nego passa bandeira na frente dele assim, entendeu? Antigamente não tinha isso. Você sabe que a Jovem e atrás do gol, subiu no túnel... “Eu não vou subir aqui, não.” “Vou subir três para frente”. “Aqui é torcida organizada, eu não vou subir não”. “Gostam de ver o jogo em pé, os caras ficam pulando”. “Não vou subir aqui”. “Ah, eu quero mais paz. Eu vou subir lá na Urubuzada porque é só família”. Antigamente tinha isso. Agora não. O cara tem 24 mil ingressos, aí, vamos dizer, a Raça aparentemente, na arquibancada, é a maior por quê? Porque ela fica posicionada quase no meio. Não é no meio porque o meio está aqui – a Tribuna – isso tudo aqui é cadeira cativa, a tribuna. A Raça está aqui. Então muita gente gosta de ver o jogo mais centralizado, aí os caras vão sentando aqui, que fica cheio. A aparência: “Po, a Raça está grande a pampa”. Não, mas tem ali 200 da Raça e o resto são os simpatizantes. Não é Raça Rubro Negra tudo ali, não. Quando acaba o jogo é que você vê quem são da torcida. Porque o pessoal... Aí fica aquele bolinho assim, para carregar faixa, bandeira... Você vê, um ou outro saiu porque “o trem vai sair 23h30min e aqui sai 23hs”, os caras vão correndo para o trem. Mas, assim, a aparência ali é essa, porque fica localizada mais para o escanteio, então o cara assiste ao jogo mais total. A gente, aqui, é atrás do gol. Muita gente não gosta de ver atrás do gol. Mas o nosso costume já é esse. Lá ficam só os malucos mesmo. Só que tem um ou outro espírito de porco que quer sentar no meio. Por quê? Porque a cadeira dele está ali, a cadeira estava vaga quando ele chegou... Eu bato na tecla: “Gente, vamos entrar – o jogo é 21h50min – entra 21hs”. “Não, daqui a pouco a gente está entrando”. Quando chega 22hs, eles entram. Quer dizer, já está todo mundo no espaço que é da torcida.

R.T – Aham.

F.M – Antigamente tinha como... Porque era só cimento! Então ali nego já sabia que era... Mas nas cadeiras, como vai u público zen, que não sabe nem onde está, para tirar foto, entendeu? Todo mundo em um negocinho assim no facebook, “pum”. Todo o Maracanã. Eu não posso nem reclamar, porque de vez em quando eu faço também, mas nessa leva, não é? Eu já estou com o celular. Aí a minha mulher está em casa: “Po, não me manda nem uma foto”. Aí você tira uma fotinho, manda em Whats up, mas tudo...

J.M – [Riso].

F.M – Antigamente? Não tinha nunca isso. Aquele celularzinho assim, está arriscado é apertar a mão naqueles 10 minutos. E nego vai e “puf” e você nem vê. No bolso...

R.T – Fábio, enfim, a gente falou essa coisa do estádio, dessas mudanças todas, do estatuto do torcedor um pouco, eu queria que a gente falasse um pouquinho da FTORJ, então. A criação da FTORJ, então, nesse contexto de mudança, essa necessidade desse canal de comunicação com as autoridades, enfim. Como foi a sua entrada também? Como você vê a importância da Federação hoje?

F.M – A minha entrada... A gente começou a conversar e tal...

R.T – Você estava naquele grupo? Primeiro. Você faz parte daquela história que já virou uma lenda...

F.M – Que é o livro que o Zé Maria aprendeu. É o livro que tem duas folhas. É da Fundação. Eu cedi para ele, estava comigo. Tinham uns 15, mais ou menos. A gente se reuniu no amarelinho e tal e aí decidiu fundar. Se for a ASTORJ ou se fundaria FTORJ... Fundou a FTORJ. Foi em 2008, eu acho. Eu estava nesse grupo. Aconteceram algumas reuniões, algumas situações que no final foi afunilando, afunilando, aí sobrou a gente, nós seis. Porque são quatro, um de cada time grande e eu e o Kunta de advogados. O Kunta é da Fúria e eu sou da Jovem. Mas a gente, ali, está como advogado. Não está como uma nem outra. O que acontece? A Federação, para os órgãos públicos, passou a ter até uma visibilidade e tal. Só que a gente ficou um pouquinho enfraquecido por causa das torcidas. Porque assim: Para fazer uma situação legal... Vocês aqui, para fazer uma situação legal, vocês tem que ter uma estrutura, não é? Essa estrutura custa para alguém. A Federação, a estrutura custa para alguém. Para quem custa e teria que ajudar, não ajuda. Vamos dizer, a mensalidade que a gente estipulou era R\$100 Reais. Ninguém paga a mensalidade. R\$100 Reais.

R.T – São quantas afiliadas, hoje?

F.M – São, eu acho que 10. Do Flamengo, são: Raça, Jovem, Fla Manguaça e Urubuzada. Aí Young, Força Flu, Fúria. Aí tinha a Botachopp, Força. São 10, eu acho. Quer dizer, 10. Se você põe por mês, é pouco? É. R\$1000 Reais. É pouco? É, mas uma salinha você consegue para ter um telefone. Só. Mas isso a gente não tem. Isso que enfraquece um pouco. É trabalho voluntário. A gente trabalha voluntariamente. Enfraquece? Enfraquece. Por quê? Se chegasse assim: “Fábio, tem uma situação para fazer, cobra quanto quiser porque vão pagar”. “Ah, está bom, vamos entrar com uma ação, R\$5000.” Você está fazendo o seu trabalho profissional e está recebendo para isso. Você vai disponibilizar tempo, entendeu? É diferente do que fazer no amor. Que nem a gente faz. A gente está fazendo no amor. Então a hora que dá, deu. “Ah, dá às 21hs da noite, está bom para você?” “Não está”. Então eu não posso ir. Porque eu não posso atrapalhar uma situação fixa para fazer uma coisa no amor. Eu já fiz muito isso, mas eu não posso mais. Porque a torcida é muito bom, mas atrapalha a vida para cacete. A mulher, em casa, porra, te xinga direto. Todo o jogo você está...

R.T – [Riso] A ex e essa também?

F.M – Essa não.

R.T – Essa já entendeu.

F.M - Porque essa é Flamengo e o ritmo é diferente. Hoje em dia, é diferente. Hoje em dia, a gente chega ao estádio, está lá, vê o jogo, vai embora. Acabou. Conversa com um, com outro. Antigamente, não. Antigamente, o jogo era às 17hs da tarde, 10hs você saía de casa. 10hs, eu estou falando, mas já é tarde, está bem? Era 9hs e tal... Mas de 1990 e pouco até 2000 e... Uns dez anos – de 1997 a 2007, vamos dizer -, 11hs, 12hs você sai de casa, vai à sede, arma tudo, se o material estivesse lá, era lá. Se não estivesse, lá vai para outro lugar. Bota tudo no esquema, vai ao estádio, arruma tudo, espera o pessoal chegar, passa ingresso, quando você vê, em muitos jogos eu entrava no segundo tempo. Cansei de entrar no segundo tempo. Cansei. Só via o segundo tempo. Entrava no intervalo no segundo tempo. Entravam uns 10. Porque tinha que fechar tudo. “Vendeu os ingressos todos?” “Quanto faturou?” Faz o caixa. Se tiver que levar o dinheiro para algum lugar, já

leva no intervalo. E era assim. Hoje não. Hoje eu saio de caso – o jogo é 17hs – eu geralmente estou com o meu ingresso porque eu compro antes pela internet, chego lá faltando meia hora, estaciono o carro, entro no estádio. Acabou. Fico na torcida? Fico. Fico em pé. Mas as etapas cumpridas por quem está na diretoria, eu não cumpro mais. Eu vou como torcida Jovem que eu sou, mas eu não estou mais participando da administração. Vamos dizer: “Ah, Fábio, ajuda nessa situação?” “A gente está fazendo a ata de eleição, ajuda?” “Faz o edital?” “Eu ajudo”. “Está bom”. Não adianta nem pagar mesmo porque não vão pagar. “Faço, me dá aqui”. Mas não adianta cobrar. “Ah, é para amanhã”. “Vai sair, mas não fica me cobrando, não”. Aí a gente entrega, resolve. Acabou. “E aí, quanto é?” “Dá-me uma camisa”. Porque é complicado. Dinheiro em torcida é complicado. A desgraça de todo mundo é o dinheiro. E a torcida andou um período, agora, negro por causa de dinheiro. Porque facilita muito ingresso, facilita não sei o quê, a fornecedora de material sedia uma quantidade de material para torcida e não sei o quê. Então, criou-se uma estrutura que... Quando a gente pegou a torcida há um ano, mais ou menos, foi um ano? Uns sete meses atrás, a gente decidiu ajudar, porque assim: Uns 10 decidiram: “Vamos ajudar?” “Vamos”. A gente é antigo... Vamos dar um norte para a molecada. Vamos dar um norte. Ninguém mete a mão em nada. “O, vai ter reunião lá no Parque União”. “Vamos todo mundo”. “O negócio é esse, esse e esse”. “Vai ter reunião não sei onde”. “Vamos todo mundo”. “O negócio é esse...”. Quem pode, vai. E nesse período, a gente foi tentando reestruturar e passar o cenário novo, não é? Porque para eles: “Torcida Jovem!” Mas o cenário novo não comporta isso. O cenário novo quer você educado no estádio. É difícil? Po, demais. Você olha para trás e fala: “O fulano, encolhe a cadeira aí e pula no cimento”. Você já foi ao novo Maracanã?

R.T – Não.

F.M – Amanhã você vai visitar e você vai ver, porque vai ter visita lá amanhã. A cadeira é assim. Ela é retrátil, ela faz assim. E quando fecha, fica o espaço do cimento. Não é igual ao Engenhão. Você já foi ao Engenhão?

R.T – Já.

F.M – Então. No Engenhão, é preso aquele assento no negócio, você só pode pisar no assento. Não é retrátil. No Maracanã, é. O assento recolhe. E fica o espaço de cimento. “Pisa no cimento”. “Vocês sabem que entre a 45 e a 47 é a Jovem”. “Se aparecer cadeira quebrada, vai para a nossa conta”. “Não vai para a conta de ninguém”. Entendeu? Não vai para a conta de ninguém.

[Fim do 2º arquivo].

R.T – Fábio, voltando, a FTORJ, só para falar um pouco do papel da FTORJ de hoje, diante desse cenário? E eu acho que pensar um pouco qual é o lugar de uma federação de torcidas? Um pouco o ineditismo disso, enfim... A importância, no Brasil, hoje, eu acredito que seja a única associação.

F.M – Federação, hoje, é.

R.T – Não é?

F.M – É.

R.T – Porque a CONATORG foi uma tentativa em São Paulo, mas não...

F.M – Foi. Foi uma tentativa meio desesperada deles até. Porque o que acontece: Uma confederação é composta de federações. Foi o que a gente bateu na tecla deles: “Vocês criem uma federação em São Paulo e depois a gente conversa uma confederação”. Mas atropelaram a situação. Convocaram algumas torcidas para São Paulo - eu até fui, fui eu e Frajola – e a gente só foi para negar. Foi só para botar água no chopp. Porque a gente não ia aceitar nada. Chegamos lá: “Ah, estamos abrindo aqui, hoje vai ser a eleição da CONATORG”. Assim. Sendo que eram diversas torcidas assim. Máfia Azul, Mancha Verde, Força Jovem de lá, de Brasília, diversas torcidas e eles fundaram a CONATORG assim. Só que eu falei: “Está errado”. “A gente não vai participar disso aí.” “A gente está representando as torcidas do Rio de Janeiro”. “Não existe isso”. “A gente não participa, vocês podem modificar o que quiserem, mas depois a gente conversa”. “Hoje? Zero”. Aí eles... Sabe? Fica... Porque em São Paula tem muita vaidade. Eles já tiveram uma associação, só que não vai para frente, porque te muita vaidade. Lá, as torcidas são fortes



porque tem escola de samba. Esse ano, um exemplo, a Gaviões da Fiel tem um samba forte, ela recebe da televisão, tem os ensaios de samba e o enredo é o Ronaldinho Fenômeno. Quer dizer, eles são uma potência. Já foi na quadra deles lá?

R.T – Não, não fui.

F.M – Assim: Quadra grande, tranquila, tem negócio de computador para a comunidade, é uma estrutura... A Dragões do Real de São Paulo, a quadra é até melhor do que o da Gaviões. Agora, durante o congresso, a Mancha estava inaugurando a nova quadra dela. Então, quer dizer, todos tem essa estrutura. E por fora tem um deputado federal, um deputado estadual, tem essa base política que o Rio não tem.

R.T – Não tem.

F.M – O Rio não tem. Esse ano até a Torcida Jovem está apoiando um integrante, que vem para deputado federal, está apoiando.

R.T – Quem é?

F.M – É o [Lorenti]. Marcos [Lorenti]. Ele vem no partido do Garotinho, o PR. A gente vai tentar fazer ele deputado federal. Ele tem 30 anos de torcida, não é? É antigo.

R.T – É das antigas mesmo.

F.M – É bem antigo. Então, esse ano, estamos tentando com alguém para poder ver um pouquinho... Quando entra lá, a banda não toca assim. A pessoa quer uma coisa, mas a banda não toca assim. Mas, pelo menos, para ter uma representatividade. Lá não. Lá aconteceu um problema com a Gaviões. Daqui a pouco, na delegacia, tem 10 advogados! Com a torcida independente do São Paulo, tem 20 advogados! Aqui, se vai um ou dois... Você está bebendo no bar e toca o telefone: “Aí, dá para vim aqui rapidinho?”. É assim. Eu falo com eles: “Comigo, vocês se quebram”. Porque eu não faço criminal, então menos uma ajuda. Cível, ninguém tem ação para a vara cível. E trabalhista ninguém trabalha,

então... [Risos] “Vocês não são os meus clientes”. [Risos] “Não é todo mundo, não”. Eu boto uma pilha. Claro que todo mundo trabalha, mas eu falo: “Vocês não são meus clientes”. Eu ajudo em algumas coisinhas, mas cliente vocês não são meus, não. Quando tem, começa a chorar, eu falo: “Olha só, pega a sua história, mora onde?” “Tal” “Tem um juizado lá, você leva a sua história triste e entrega porque eles vão fazer a inicial para você, vão dar um jeito para você”. É assim. Mas essa situação da FTORJ, então, no Rio, ela já tem uma representatividade, mesmo a duras penas. Qualquer coisa, o GEPE comunica para a gente, a SUDERJ comunica. Já tem uma... Os órgãos comunicam a federação.

R.T – Tem alguma visibilidade.

F.M – Tem. Poderia ter mais, como eu te disse, se fosse remunerado. Tivessem duas ou três pessoas trabalhando lá, ter uma assessoria de imprensa, o cara só faz isso, ia bombar. Porque, hoje, se você tem uma assessoria de imprensa, já tem 70% do negócio, nesse meio nosso. Porque tem um negocinho, bota notinha. Ninguém sabe que a torcida Jovem, no dia das crianças, dá brinquedo... Ninguém sabe. Mas deu um cascudo no pivete aqui na rua, é torcida Jovem do Flamengo. Aí essa mídia é de graça. Agora a mídia do “dá um prato de comida” não é de graça. O pessoal vira e mexe fazia sopão e ia levar na central, quando a Kombi ainda estava andando. Eles botavam o sopão na Kombi e “o fulano?”. “A sopa”. Quer dizer, ação social bastante. Todas as torcidas tem essa ação social, só que isso aí, para imprensa, é zero. Ninguém se interessa. O pessoal quer ver desgraça. Amor não dá ibope para ninguém. “Amores roubados”, se o cara não tivesse matado o outro, a minissérie era uma bomba, porque só amor não dá. Então, no futebol, é isso. Só amor não anda. Se o clube, “ah, só tem mocinho no time”. Não anda. Tem que ter uns dois ou três malucos. Aí o time anda. “Po, só tem...” “O Flamengo está que nem delegacia, só tem bandido” não sei o quê. Andava. Porque ninguém respeita se só tem mocinho. Ninguém respeita. É a cultura! Aí a federação. Vamos voltar para federação. Então, essa visibilidade maior, no meu modo de ver, seria através disso, uma assessoria de imprensa. Qualquer notinha contra, você vai lá e “pum”. Toda segunda-feira, se você for ver, o Bem Amigos, o cara fala: “Aqueles marginais, aqueles vândalos, aqueles...” Se você mandar um e-mail ninguém vai ler, só se você invadir lá e falar: “Espera aí”. Direito de resposta

não vão te dar. Não tem mais na justiça, se não todo dia a gente entrava. E aí? E o custo disso? Para entrar todo dia. Então para movimentar a máquina tem que ter uma verba. Isso é o que iria dar maior visibilidade. A gente com nada, a gente consegue porque a gente pode. Chego aqui, chego ali. O secretário de Esportes já foi da torcida Jovem – o André Lazaroni -, entendeu? Aí tem essas vertentes. Tem a conversa com ele? Tem. Mas política, você sabe, não é? “Eu queria, mas eu não posso”. O cara bate e assopra.

R.T – Porque os problemas vão acontecendo na própria torcida. Por exemplo, a torcida Jovem teve o episódio com o presidente, não é isso? Em que foi preso.

F.M – Teve.

R.T – A Força Jovem teve um momento delicado, nesse momento, por conta... Então, enfim, são duas frentes, pelo menos. Não é isso?

F.M – É. São várias frentes. E você não pode abraçar o componente. A federação não é para abraçar o componente.

R.T – É pensar a instituição, a torcida.

F.M – Qual o problema da torcida, hoje? O problema da torcida Jovem, hoje, é que a gente está punida 10 jogos. O que a gente pode fazer para melhorar isso? Fizemos um recurso. Negaram o recurso. Então a gente tem que aturar 10 jogos fora do estádio. Não tem mais o que fazer, nesse sentido. Enquanto isso vai indo ao jogo sem camisa, porque sem camisa pode entrar, se você for à paisana, você pode entrar. Continua indo ao jogo, marca o local lá, canta o que tem que cantar e vai para a sua casa. A estrutura não se desfaz porque a gente tem que pagar 10 jogos de punição, mas fica estremecida porque muita gente quer a bandeira, quer a faixa, quer entrar com a camisa, entendeu? No primeiro jogo em que a gente conseguiu liberar o material, estava sol e nego ia de casado. Um domingo de casaco, calça, porque quer usar o material.

R.T – Orgulho, não é?

F.M – É. Muita gente não entende, mas o cara quer usar. O cara põe o casaco, a lua rachando, casado, gorro e bola para frente. Então, a federação já é vista como uma instituição, só que ela não pode galgar patamar mais alto no momento por causa dessa estrutura. Porque se as torcidas abraçassem mais “Não, a gente está ferrado agora”. “Vamos juntar e vamos seguir?”. “Vamos”.

R.T – Ainda há resistências por parte de algumas torcidas em relação ao trabalho também?

F.M – É... Não, em relação ao trabalho, não. Mas em relação, assim, o pessoal questiona: “Porque a gente não sai do TAC?”. “Tem que ficar tomando porrada no TAC”. O TAC era: Assina ou não assina. Todo mundo tinha que assinar para entrar no jogo. Se não assinasse, a gente não ia entrar no jogo. Como Torcida Jovem, a gente não ia entrar. E o TAC é uma medida administrativa. Tudo o que eles fazem, não existe no mundo jurídico. O TAC existe.

R.T – Termo de Ajuste de Conduta.

F.M – É. Tudo bem. O TAC existe. Só que o eu vem através do TAC não existe no mundo jurídico. O que acontece? Eles vão e te dão uma punição. Aí falaram assim: “O GEPE pediu 10 jogos para a torcida”. Aí te dão um prazo para entrar com uma defesa. Só que não existe em nenhum lugar, ler o que você quiser onde tem isso aí, um prazo para entrar com defesa no TAC. Isso tudo é ajustado conforme a situação. Quer dizer, quando a gente entra com a defesa, a gente já está pagando jogo, porque não é igual na Justiça. Você entra com uma medida de feito suspensivo, o cara julga “admito o suspensivo” ou “não admito”. Suspendeu, você vai esperar o mérito. Aí vai julgar. “Realmente a torcida tem culpa no cartório, vai ter que pagar as 10”. Tudo bem. Mas lá, o GEPE está punindo. O Ministério Público só vai... “Ciente, concordo com os 10 jogos”. “Pum”. Esses 10 jogos que a gente recebeu agora, foi Flamengo e Botafogo. Cem descontrolados foram lá no portão 18, que não é mais nosso. Aí pegaram 24. Desses 24, sobraram sete ou oito, e eles falaram que é da Jovem. Porque um menor estava com a camisa dentro da bolsa e seis morteiros dentro da mochila. Um menor estava com a camisa da Jovem dentro da bolsa

e seis morteiros. Aí o grupo todo é da Jovem! Por isso que eu digo, cadê a carteirinha dele? O registro? Antes de punir, eles já tem porque eles recebem o cadastro da torcida, mas oficia a torcida: “Me dá a relação dos componentes aí?”. “Fulano de tal que eu detive agora é”. “Não é”. Então libera, não tem nada a ver com a Jovem, ele vai responder pelo o que ele fez. Se ele não fez, um abraço. Não está devendo, vai embora, um abraço. Mas não é o que acontece. Pegou, tem uma tatuagenzinha, o cara fez um tanque aqui, tudo bem, o tanque é tatuado, o cara é da torcida [Riso].

J.M / R.T – [Risos].

F.M – Tudo bem.

R.T – Mas é difícil! [Risos].

F.M – Mas tem! Pode ser que tenha um cara que é simpatizante.

R.T – Pode ser.

F.M – “Aquele tanque é bonito e tal, vou botar aquele tanque aqui”. Vai virar alvo, aqui assim, vai...

R.T – É, porque tem um risco, não é?

F.M – A camisa, tudo bem. A camisa vende em qualquer lugar. Hoje não tem mais... Ainda tem um resquício, mas não tem mais não. Eu acho que quem ainda vende... A Raça tem em alguns lugares em que você vê um chinelo, ainda tem. Eu acho que a Fúria ainda vende em shopping. Tem algumas situações dessas. O Flamengo parou de fornecer, eu acho. Eu acho que até a última diretoria tinha. Agora, nessa não tem mais, pelo tudo o que a torcida andou passando, não tinha nem mais material da torcida. Não tinha mais nada. Aí que chegou esse amigo Loris, veio o Zé Maria, eu ajudei, o Marcelo Vargas ajudou. O Marcio irmão do Marcelo ajudou também. Então, a gente chegou ajudando, não é?

R.T – Vocês entraram após essa crise, desse afastamento e vocês resolveram...

F.M – É. Porque, em off, discutia-se até terminar a torcida. Em off. Em rede social. Não os mais novos. Os mais antigos os de 25 anos para cima. Porque de quatro em quatro meses a gente fazia um encontro só dos antigos, esse do fim do ano teve. Então é nego de 20 anos para lá de torcida. Então eles falavam: “Isso aí... Vamos acabar a torcida.” Acabou, fecha a porta. Porque para ficar sendo notícia negativa, para terminar assim... 46 anos fez agora a torcida. Não pode. Toda hora liga: “Integrante da Torcida Jovem do Flamengo blabla”. Não pode! “Então, para a torcida terminar assim, vamos terminar a gente”. “A gente acaba a torcida, faz uma reunião, se decidirem que é para acabar, acabou. Cumpre o estatuto.” Porque todo o patrimônio que a torcida tem é do Flamengo. Cumpre o estatuto, acabou. Se quiserem fazer Torcida Jovem do Flamengo Nova, faz. Mas não é aquela instituição. Vai ser outro nome. “Poder Jovem”? Faz. Aí enfraqueceu um pouquinho esse papo, aí convocaram essa reunião. Vamos com os antigos, a gente trocou umas ideias e falamos: “Vamos auxiliar, vocês vão passando os problemas, nós vão auxiliar”. “Ah, mas po, vocês não ajudam”. “Olha só, ninguém vai ficar torcida batendo na porta e falando assim: “O que vocês precisam?”.” “Vocês tem que comunicar, falar: “Olha só, Estou precisando disso, tem como fazer?”.” “Tem”. Porque como eu te disse, não te como você ficar fulltime na torcida. Não tem. O GEPE marca uma reunião de jogo às 9hs da manha. E quem trabalha como vai à reunião do GEPE? E se chegar atrasado, o GEPE não deixa entrar no jogo. Entendeu? Eles fazem tudo para dificultar. Porque “Ah, vamos fazer uma reunião do GEPE”. Eles estão lá em Realengo agora. Quer dizer, Realengo, 9hs da manhã, não pode chegar atrasado. Outro dia chegou a esposa do presidente da Fla Manguaça e falou: “A gente chegou à reunião, só que atrasados. Eles estão lá e não querem deixar a gente entrar no jogo”. Da Fla Manguaça! Não é da Jovem, não. Entendeu? Eles vão a toda reunião, todos certinhos. A Jovem vai certinha também às reuniões. Mas a torcida é outro ritmo. Eles encrencam com isso. Então não marca às 09h30min da manhã lá em Realengo! Marca 19hs da noite no centro. “Ah, o GEPE não está no dentro”. Marca no batalhão. Pede um espaço, pede um auditório e marca. Pede na SUDERJ, que é no centro, nego vai de metrô, que é na tijuca, no maracanã. Mas não. Aí tem essas situações. Então a gente trabalha com pouca mão de obra... Porque tem esses

flashes assim, o Zé Maria, eu dou uma ajudada, o Gunta dá uma ajudada. Quem aparece mais? O Frajola porque a área dele é a comunicação. Ele está mais disponível. Nos eventos, é ele que está. Aí a gente quase não... “Ah, você...?” “Sou, mas quase não vou.” Em São Paulo, eu consegui fugir. Eu falei: “Olha só...” Convidaram-me 5, 6 e 7 em São Paulo, tudo pago. “Estou indo, um abraço” no escritório. E fui embora.

R.T – Você trabalha em um escritório, não é?

F.M – Trabalho. É porque é escritório de família, entendeu? Então é pior do que você trabalhar para os outros. Isso aí não bota não, hein? Tira. [Riso].

R.T/J.M / L.V – [Risos].

R.T – Olha a edição. [Risos].

F.M – Isso aí não. Corta. [Riso]. Muito pior. É o que eu estava falando com ele aqui, em um escritório grande, eu falo assim: “Estou indo ao fórum”. Resolvia. Cheguei, fiz o meu trabalho, pronto. Lá a minha sala está no meio da arena. A minha sala é aqui, do meu tio é aqui, a do meu tio é aqui. “Vô, vou almoçar”. O meu almoço de 10 minutos e subo de novo! Se eu demorar 1h de almoço, ele já me liga “Está aonde?”. Então você não tem disponibilidade. O Zé Maria atravessou uma fase lá no Flamengo também que é um pessoal totalmente contrário à diretoria que ele apoiava, vamos dizer. Que era todo mundo conhecido. Então não dá mais para dar os voos que ele dava. O João trabalha nessa área de marketing também. O Gunta é advogado, dependendo de como ele tiver, dá para ir, porque eu acho que ele trabalha por ele.

R.T – E o Luiz Gustavo?

F.M – O Luiz Gustavo tem uma empresa.

R.T – Uma empresa, não é?

F.M – É. Ele também é atarefado. É mais difícil. Então muitas coisas ficam até concentrada até no Frajola. Ele abraça muita coisa porque acaba “Segunda?” “Estou”; Ele já gosta. [Risos]. “Estou”. “Pode ir?” “Não pode?” Amanhã, se bobear, vai todo mundo. Eu não poderei ir amanhã, mas se bobear vai à maioria, pelo menos. Eu acho que o Zé Maria vai. Frajola vai. O João e o [...] também devem ir. Eu nem sabia desse negócio de intercâmbio. A Federação a gente faz da melhor maneira possível, mas nesse esquema. Não deu, não deu. Então se você tem um trabalho específico, por exemplo, tem um funcionário para captar recursos, tem uma pessoa que é responsável nesse trabalho de assessoria, o negócio é estar grande.

R.T – Eu entendo, mas o que eu vejo, de alguma maneira, e eu acho que acontece também com o exemplo da Torcida que você deu, é uma coisa que me parece mais forte ou vai além, não é? Porque, enfim, tem algum desprendimento para fazer isso. Eu queria te perguntar um pouco qual é a importância da torcida, você olhando hoje a sua trajetória, – uma longa trajetória – a sua história no futebol e na própria torcida, qual o significado da torcida para você? Qual o lugar que ela tem na sua história?

F.M – O lugar é grande, não é? É igual ao Flamengo, ela acompanha o Flamengo. O que eu entendo é o seguinte: Se não existisse o Flamengo, não ia ter a torcida. Então, para não ter briga, então primeira é a família, claro.

R.T – [Risos].

F.M – Vamos abraçar todo mundo. Aí vem o Flamengo, porque sem o Flamengo não existiria a torcida. Depois vem a torcida. Está nesse patamar. Porque a torcida é aquela história: Você não sai da torcida. Você fala: “Saí da Jovem”. Você não sai. Porque você sempre vai ser da Jovem. Não adianta. O Capitão Leo teve dois mandatos do conselho fiscal do Flamengo, mas lá no Flamengo... “Po, aquele lá é o capitão Leo ex-presidente da torcida Jovem”. Não é o dirigente. Então o pessoal discrimina um pouco. No Flamengo! Não vão me discriminar assim: Estou no barzinho: “Ah, ele é advogado, mas é da torcida Jovem”. Não vão porque sabem qual é o procedimento. No Flamengo por ter vários desembargadores, não sei o quê... “Olha lá, o pessoal da torcida ali?”. Entendeu?



Mas a torcida está nesse pé. Está não expirou, porque a minha história toda, pelo menos metade da minha vida, eu vivi na torcida. Atrasou-me bastante, mas... [Risos]

R.T – E as suas relações.

F.M – Por causa das torcidas eu fui me formar em 2006. Já velho. Por causa da torcida. Foi justamente na época em que eu tranquei de 1997 a 2003 foi que eu estava mais em evidência, vamos dizer. Eu estava ajudando mais. Depois eu passei bastante tempo assim: Ia a algum jogo, o outro eu não ia. Via pela televisão. Mas eu sempre fui de ir ao estádio, entendeu? Sempre curti ir ao estádio. Evito ver o jogo em bar. Só vejo em casa ou no estádio. Porque em bar é muito complicado. Tem muito espírito sem luz. O pessoal vê que todo mundo é flamengo, o cara vai lá: “Aquele merda do Flamengo”. Tem 10 do Flamengo e o cara ali. O cara está ali para arrumar problema, não está? Porque está passando o jogo do Flamengo, o cara está assistindo e não é Flamengo? Então é o que faço, assisto em casa, quietinho. Ou então eu assisto no estádio. Todo mundo que está ao meu lado, está comigo. Na rua, eu não assisto. Eu evito ao máximo. Eu evito. Não vou de jeito nenhum. “Ah, vamos assistir lá?” “Não, vou para casa”. Ou então eu vou ao jogo. Então o Flamengo e a torcida estão nesse patamar. Patamar lá no alto.

R.T – [Risos]. Você gerencia, na verdade, com todas as outras responsabilidades.

F.M – É. Eu gerencio. Pelo rumo que a minha vida tomou, a torcida teve que ficar um pouco de lado. Teve que ficar. Porque se não, hoje eu iria estar na torcida e fazendo o quê? Sem ter segundo grau, sem ter a faculdade, sem ter a pós-graduação, sem ter nada... Porque é um ímã aquilo ali. Hoje está menos. Mas na época de Senador Dantas, você sentava ali para ver o - porque todo mundo se juntava, todo mundo trabalhava na cidade, boy, não sei o quê, naquela época-, então na hora do almoço, nego ia assistir ao Globo Esporte lá na Torcida. E para sair da torcida? Era difícil, porque começava nego a contar história... Quando você via “Ah!”. Termina a porra do expediente, voltava lá. Você criava um vínculo de amizade que, hoje em dia, a maioria se dispersou. Porque cada um tomou o seu rumo, mudou de estado ou abriu um comércio, então não tem a disponibilidade que tinha antes. Então é isso que eu te digo: Hoje a torcida... Eu uso camisa, eu uso não sei o

quê, toda hora... Fim de semana, nego: “Po, você só usa a camisa do Flamengo”. Eu falo: “É. Primeiro porque é a que não precisa passar”. A camisa do Flamengo e da torcida, você tira “pum” e é só vestir! Então é uma beleza. “Está vestindo bem e não tem trabalho”. Botou um short e vai embora! “Ahh..” Eu sou uso... “Eu tenho mais 20”. Aí dá para o fim de semana todo. [Riso]. Hoje em dia, a torcida está nesse patamar. Uma vez ou outra eu dou uma passada lá: “E aí como está?”. Mas não tenho a regularidade, que já não tenho a bastante tempo. Eu voltei a ajudar, apesar de nunca ter saído, eu estava um tempo afastado sem me envolver em nada, sem saber de nada, zero. Só vira e mexe um amigo liga “Oh, não sei o quê”. Igual ao Zé Maria. Eu dou o advogado dele, então vira e mexe “Fulano...”. Entendeu? Mas aí é a amizade, torcida e off também. É junto.

R.T – Foi a FTORJ? Você se reaproxima a partir da FTORJ? Ou não? Porque você disse que estava afastado...

F.M - A partir da FTORJ no aspecto de se envolver mais um pouco, sim. De tomar par de alguns assuntos mais um pouco, porque eu estava zero. Aí eu aproximo mais um pouco, sim. Porque acaba no bate-papo, um conta uma coisa, o outro conta outra. “Está assim o Vasco”. “Está assim no Flamengo”. “Está assim...” Então, você acaba entrelaçando e se envolvendo de novo, mas sem entrar lá no fundo, entendeu? No raso, assim.

R.T – [Riso].

F.M – Eu sei superficialmente. Eu não sei tudo o que o Flávio sabe. Porque ele está no dia-a-dia. Ele é diretor da torcida.

R.T – Mas, Fábio, seria possível vislumbrar, um tempo atrás, uma federação com essas lideranças e com essa história no cenário das torcidas do Rio de Janeiro?

F.M – Há um tempo, existiu.

R.T – Sim. Mas eu digo...

F.M – Em meados...

R.T – É. No meio do caminho...

F.M – Nesse lapso temporal aí.

R.T – Isso. Pensar vocês juntos, construindo uma...

F.M – Se existia a possibilidade?

R.T – É. Dava para vislumbrar isso?

F.M- Eu creio que não. Porque o pessoal era mais fechado, as rivalidades eram maiores por todos os aspectos, todo o cenário... Você vai ao estádio, o estádio propicia diversas situações. A rua propicia diversas situações. Então é difícil de controlar. Hoje é bem mais fácil, porque, hoje, o pessoal sabe que se for preso, não vai sair tão cedo. “Ah, mas pegou 20 anos?” “Vai ficar quatro, cinco”. Quatro ou cinco é bastante! Quem gosta de fumar, na cadeia é R\$30 Reais. Aí você vê, começa aí. Se você não é rico... Se for rico, vai ficando pobre aos poucos. Se for pobre, vai ficando miserável. Se não for, deixa o cara ao léu lá e o cara vai se virando. Hoje em dia tem toda uma... Apesar de ser fraca, tem toda uma mídia que mostra diversas situações e o cara evita alguns problemas. “Po, vou me sujar, vou ficar preso, vou para Bangu ficar um mês lá”. “Olha o [aço] que eu vou passar”. Porque a torcida não tem R\$1 Real para te ajudar. Você é por você. Se der um pontapé inicial, um ajudou um pouquinho, o outro ajudou, ajudou. Mas isso, hoje? Está raro. Já tiveram épocas em que tinha um dinheirinho e dava para ajudar. Mas hoje? Hoje, zero! Hoje, a maioria dos que estão respondendo, está com defensor... Estão todos nesse pé. Porque a advocacia criminal também é cara, não é? O cara no tribunal do Júri não cobra menos de R\$10.000, para fazer o Júri. Quer dizer, se o cara não tiver dinheiro... O defensor defende muito bem no Júri, mas tem gente que acha que tem que pagar um advogado. Então, aí? Começa de R\$10.000, de R\$15.000 para o cara fazer o júri! Aquele ato. E ele já vem te defendendo atrás, já fez defesas, que custam R\$5.000. Se você tiver

um pouquinho de dinheiro, um apartamentinho, você fica na miséria. Você vende o apartamento, porque é o teu filho que está lá! O teu irmão que está lá! Você fica na miséria. Então, hoje, por diversas situações, o pessoal fica com o pé atrás, sabe? Muitos pensam, claro que não são todos, as muitos pensam: “Porra, uma besteirinha que eu fiz no Maracanã, vou responder”. “Vou pagar serviço para a comunidade?” “Vou não sei o quê”. Então vai peneirando um pouco. E o público que frequenta o Maracanã hoje é muito diferente! Quem não pode entrar... Sabe o que está acontecendo? A gente marca “A torcida Jovem do Flamengo vai sair 15hs da central do Brasil”. Aí vão lá 500 1000. Sabe quanto entram? 100. O resto volta para as suas casas ou então vai assisti em um bar no entorno ao Maracanã ali... Aí pode ter algum problema, porque o cara para no bar para assistir, está àquela situação toda... Aí dá problema.

R.T – Aham.

F.M – Mas, de 1.000, entra 100, 150. O cara vai, sai da casa dele, “po em moro em Bangu!” O cara vai, pega o trem... Central do Brasil. Vai da Central andando até o Maracanã! Andando no sol! Eu não consigo fazer essa caminhada mais, só se for com a joelheira, mas eu não consigo. Eu falo: “Estou fora”. Não estou bebendo, porque a bebida de empurra um pouco, não é? Não estou bebendo, quebrado, então eu não vou. Eu espero lá no estádio. Então o cara sai da residência dele longe, vai ao ponto de encontro só para andar até o Maracanã para acompanhar a torcida. Chega lá, não pode entrar, porque não tem o dinheiro, não tem o ingresso. Volta para a sua casa. Entendeu? Então é isso que está acontecendo no Maracanã hoje. É até um público que é difícil de controlar, porque ficam vagam, vamos dizer, 300 vagando duro! Sem ingresso. O cara vai retornar para casa, mas nessa ida para casa, passa um desavisado? É instinto. Apensar de que a torcida do Flamengo tem um negócio de bom: A torcida do Flamengo, em um palavreado, não faz “judaria” com o povão. Passou você com a camisa do Vasco, vai passar. Vai estar com a camisa da torcida, vai ter problema. Porque quem está com a camisa da torcida, está vestindo e sabe o problema que pode ter. Se você está com a do Vasco, passou. Do Botafogo “vai embora, vai embora”. Então nesse caminho, pode acontecer alguma coisa. É isso que está acontecendo. Porque o pessoal acompanha, mas não pode entrar. Chega ao Maracanã e não pode entrar. Não tem dinheiro. Não tem ingresso. Então a gente fica

meio de mão atada em diversas situações. A gente já fez reuniões de conscientização, há um ano e meio, se eu não me engano ou um ano atrás, eu não me lembro. Mas a gente pegou um campeonato – eu acho que era o carioca - e falamos: “Olha só, esse mês vai ser reunião com as torcidas.” “Da federação com as torcidas.” Primeira reunião: FTORJ com a Young, eu acho... Não foi com a Young não. Primeira reunião: FTORJ com as torcidas do Vasco. Força Jovem, eu não sei o quê... Todas as lideranças da torcida do Vasco foram. O pessoal que te odeia. Sem ninguém. Sentados à mesa aqui. Essa eu não pude ir. Sentados à mesa, Zé Maria... Contra 30 que te odeiam. Para você vê o que é. Mas tudo na... “O que está acontecendo é isso, isso e isso”. “Se for por esse caminho, vai se arrasar.” “Se for por esse, vai dando para tocar”. “Vocês que escolhem”. Então nós fizemos reunião com todas as do Vasco – com as maiores -; todas do Fluminense; todas do Flamengo e todas do Botafogo. E explicamos tudo o que estava acontecendo. “A federação é isso, está acontecendo isso”. Acabou. Algumas situações ocorreram depois? Ocorreram. Mas a gente tentou. Tem algumas resistências, se infiltram pessoas que não são específicas do métier, o cara “dono da boca” que ir ao jogo. Aí está no tumulto, ele vai entender que não pode fazer uma situação? Não vai entender. “O, fulano, ooouu?” “OOuuu o quê?” Então, por causa de alguns infiltrados, vamos dizer, acontecem algumas coisas. E tem uns também resistentes à política de recuar. Hoje a gente está minando um pouco, mas, hoje, ainda tem resistência. Tem muita resistência. Mas a gente fala: “Não é porque você está seguindo o seu caminho, que você é frouxo”. “Você está seguindo o seu caminho”. “A situação é por esse caminho, então vamos andar por essa risca aqui”. Se a Força Jovem do Vasco vier nesse caminho, pode ter problema. Mas a gente está avisando para eles que a gente vai nesse. Eles tem que ir pelo outro. Em muitos jogos, eles se falaram: “Oh, estou indo pelo lugar tal, dá par anão passar aqui?” “Ah, então está bom, eu vou passar pelo lugar tal.” Em muitos jogos, a gente conseguiu driblar essa situação, só que tem a resistência. É o cara que fica na esquina, que não vai nem ao jogo, pega a motinha e faz uma merda no dia do jogo. O cara nem é da torcida, o cara acha que o valente e faz no dia do jogo! A gente fala: “Se você é bandido, ladrão, vocês que sabem. Quer cobrar os outros? Cobra fora do dia do Flamengo. Vai fazer a cobrança em outro dia.” Porque tudo o que é em dia de jogo, eles botam na conta da torcida. Não adianta. “Ah, vou resolver uma situação”. “Então resolve quinta de manhã”. Não vai resolver domingo no Maracanã, porra! Geralmente é coisa que não tem nada a ver com coisa de torcida. O cara deveu à

boca, não sei o quê... O cara vai lá com a camisa da torcida. Com a camisa do Flamengo. Quantas vezes “escracha”, aí o cara está lá com a camisa do Flamengo.

J.M – [Risos].

F.M – O cara está com a camisa do Flamengo ou da torcida. “Olha lá, Flamengo é tudo ladrão”. Porque o cara gosta de vestir a camisa. Mas de vez em quando veste a errada, não é? Veste em situação que não tem que vestir. Aí a gente tem esse problema, essa carga. Mas vai tentando... Da maneira que a gente consegue. Porque nunca ninguém poderia imaginar que as torcidas desse porte iam sentar. Primeiro aspecto, não tinha como imaginar isso. Torcida desse porte, com 10.000, com não sei o quê, não tinha como imaginar! O que a gente fez em São Paula uma vez no primeiro congresso foi loucura. Se você contar, ninguém acredita. A Mancha Verde pediu dois ônibus para levar todas as torcidas a uma reunião na quadra da Gaviões. Você sabe o que são uns 70, dentro de uma sala sem ninguém, autoridade nenhuma? E a reunião teve. Um gritou com o outro, mas na disciplina, só discutindo o assunto. Acabou, acabou. E não teve nada. Quem ia imaginar isso aí? 70 dentro uma sala! Não tinha polícia, dentro da quadra da Gaviões! Se nego se matasse ali, ninguém nem ia saber. Mas foi feito isso. Os outros encontros foram menores. Esse que a gente foi agora em São Paulo foi o quarto, eu acho. Apesar de que estão tendo uns regionais... O Frajola já foi a uns dois regionais, Norte/Nordeste, eu acho. Se a gente tivesse um contingente maior para ajudar, a gente teria dissipado essa situação da federação, porque em vários estados tentaram conversar com a gente. E a gente ia fazer essa teia. Chega lá no Ceará: “Aí, fulano, monta a federação aí em Recife”. “Monta” “A parada é assim: Nós estamos vendendo esse projeto aqui”. Paraná: “Monta essa federação”. A gente iria dar o no hall para todo mundo, mas a gente não tem mão de obra suficiente para isso. Para você destacar uma pessoa: “Vamos lá, senta lá. Vamos fazer uma reunião aqui”. “A sua situação é essa, a documentação de todo mundo é essa, a ata é essa, vocês juntem as torcidas aqui, fazem”. Porque depois, aí sim, nós vamos fazer a confederação. Com a confederação, a gente bota para frente, o Brasil todo bancando e a gente consegue... Mas, primeiro, a gente tem que chegar com a federação dos estados, para a gente fazer um negócio grande. Aí cada um começa com uns interesses e aí...

R.T – Torna inviável, não é?

F.M – Torna inviável. Tem muita vaidade, não é? Aqui não teve vaidade. Só que aqui a gente não tem o dinheiro que São Paulo tem. Se a gente estiver em São Paulo, o negócio está fluindo. Aqui está fluindo à medida do possível. Você arruma um projetinho que nem esse da Cruz Vermelha. Tem essa situação de amanhã. Aí uma instituição te chama para fazer... As autoridades públicas não entendem que se eles querem organizar uma Copa boa, vamos aproveitar que está na Copa, se eles convocassem as lideranças das torcidas, o negócio iria andar na maior paz. Iria andar tranquilo. Porque todo mundo conhece o Maracanã, todo mundo conhece onde pode ter problema, onde não pode. Como faz isso, como faz aquilo. Então, quer dizer, eu vou fechar a inscrição dos voluntários. Voluntário não sabe qual a regra do futebol. Não sabe nem andar na Tijuca, ali. Não sabe nada. Não é mais fácil você pegar: “Cada torcida vão me indicar 15 de cada torcida aí para fazer a organização do jogo no estádio” “Vamos ter uma reunião com vocês para sabermos quais são os pontos críticos, quais não são”. Mas os caras não chamam. O pessoal está aberto para isso, mas eles não dão essa entrada. Seria muito mais fácil, porque se um bicho te ver lá, ele vai te respeitar. Agora, esse Stuartzinho de amarelo, nego dá no rosto. Não adianta. O primeiro tumulto que der, nego vai tomar no rosto, porque eles estão ali despreparados. Eles não sabem de nada. E o pessoal que está ali, tem 10 anos de arquibancada, 15... Sabe que se correr, é pior. É melhor ficar parado. Sabe o esquema todo do jogo. Teve tumulto. Vai correr, não vai ficar parado. Se correr, vai ser atropelado. Eles não tem esse no hall. Não adianta você botar o cara que tomou conta de circo para ao Maracanã. Não adianta. Então devia ser mais bem explorada, porque se chega, bate na porta: “Fulano, dá para ajudar com isso?” “Dá”. “Tem 10 cabeças aí para ajudar?” “Você tem 10?” “Tenho 10”. Rapidinho nego ajuda. Mas não tem essa... E a gente não tem mão de obra para entrar nos canais. Falta um pouco essa entrada nos canais. “Po, é de torcida?” “Torcida Jovem?” Esse aí vai querer arrumar só um dinheiro.

R.T – Ou uma confusão. [Risos].

F.M – Mas é assim. Nem confusão. Hoje em dia, eles já pensam primeiro no dinheiro. Esse aí vai querer arrumar um dinheirinho. Vai arrumar o dinheiro e “puf” vai embora,

não vai tomar conta de nada, vai deixar tudo. Mas se convocar, faz. A Tim, na final, convocou uma galera. O pessoal não estava lá, 7hs da manhã para fazer o mosaico? Estava! Deu o almoço. Tudo bem. Aí os caras... Teve voluntário para isso. E voluntário que está no dia-a-dia e sabe o esquema. Não é tem um coroa que passeia com o cachorro, se inscreveu, “você é voluntário da Copa”. “Você vai ser aquele “posso ajudar?”.” No jogo do Flamengo... Vocês não frequentam estádio direto. Ou frequentam? Frequentam. No jogo do Flamengo, tem mais de 50 “posso ajudar?”! Ou seja, um passo: “Posso ajudar?”. “Posso ajudar?”

J.M – [Risos].

F.M – Dá vontade de xingar, entendeu? Falar onde ele pode ajudar.

R.T / L.V – [Risos].

F.M – Mas você não faz. Mas de passo em passo! Esse pessoal não sabe nada do Maracanã! Zero! É igual o pessoal das roletas que eu estou dizendo. Se o fosse o quadro antigo, o Maracanã estava voando. Mas é um pessoal novo. Que não tem nada a ver, parece até que trabalha em boate.

R.T – [Risos].

F.M – Esse pessoal de flyer. O pessoal que trabalha no Maracanã, hoje, e o pessoal que trabalha, é o pessoal de boate. Não tem mais o povão. Não tem povão. É o que eu te disse: Dos 1000 da central, entram 150. Porque não tem a chegada. E o negócio da federação é isso também. A federação, se as torcidas acreditassem só mais um pouquinho e desse um pouquinho de força e se a gente tivesse mais um pouquinho de mão-de-obra, que abrisse os canais, aí tudo se acertava. Entendeu? Porque, eu vou te falar a sinceridade: Não é jogo para o Estado acabar com a torcida organizada. É pior. Porque vai descaracterizar um grupo. Ali, você sabe que pode punir a torcida Jovem do Flamengo. Você pode punir a Torcida Jovem. E se tirar a camisa de todo mundo? Tira aí. Bota o Black Bocks. Quantos estão presos aí? Ninguém. Nego tocou o terror. Em baixo do meu prédio ali, no final da



Rio Branco, Nextel, uns dois ou três bancos, restaurantes? Tocaram o terror! Até o ônibus que pegou fogo, foi ali. O ônibus entrou na árvore, pegou fogo. Tocaram o terror. Quem está preso aí? Porque é outra classe social! Não está mexendo com o povão. Quem esteve nessa luta aí foi o pessoal estudioso, está na faculdade, o pai tem uma condição. Não é o pessoal da torcida que não pode nem entrar no estádio. Esse pessoal deu um peteleco, o cara: “Preso”. Se tiverem em quatro: “Formação de quadrilha”. Aí sempre tem um menorzinho: “Corrupção de menor”. Já seguraram os três logo. “É assim eu anda.”. Serviu um pouco para ajudar o nosso discurso, que não é muito bom, mas... Foi a atitude da Martha Rocha, porque o que aconteceu? Se eu brigasse com você, ao final ia ser – o termo técnico não está vindo – mas é porrada mútua. Eu te bati, você me bateu, não deu em nada. Agressão mútua: Eu brigo com ele, ele comigo, acabou. Se for uma galerinha contra outra galerinha, vai dar rixa. Vai à delegacia e libera todo mundo. Ela mandou enquadrar todo mundo em “formação...” Aí diminuíram os problemas, mas o primeiro exemplo em que ela botou para sociedade foi: O cara bateu em outro no metrô, [roubou] a camisa... Está em Bangu. Pegou 9 anos, eu acho.

R.T – É mesmo?

F.M – É bom para ele? Por causa de uma camisa. Foi o exemplo. Eu falei: “É, você viu o exemplo lá?”. Nego quer isso. Quer que você bata em alguém, toma a camisa, ele vai te enquadrar, você vai estar com três, quatro, vai ser formação. Se tiver com filho e sobrinho, vai ser corrupção de menores junto. E vai aí “157”, só vai segurando. Eles só vão jogando. Aí serviu um pouco para dar uma... A Martha Rocha chamou todas as torcidas ali no auditório da escola da civil – ACADEPOL -, com todos os delegados, os problemas estavam todos na sala. A gente entrou em uma sala lá que deveria ter uns 30 delegados. Aí falaram: “A situação a partir de agora é essa, essa e essa”. “Se fizer isso, vai segurar.” Aí o pessoal se cuida mais, entendeu? Porque é aquela história. Eu tento passar ao pessoal: “Olha só, antigamente não tinha nada, ninguém tinha celular, ninguém tinha nada, ninguém morria também, tudo era mais liberal”. “Hoje, você anda nas calçadas, em todos os prédios, tem câmera”. Senta no ônibus, o ônibus tem câmera. Você... Tem câmera. “Qualquer besteira que você fizer, provavelmente o seu rosto estará na imprensa meia

hora depois. Então você tem que pensar duas vezes.” “Você quer arrumar esse problema?”.

[Fim do 3º arquivo].

R.T – Enfrentar a cidade. Não é fácil, não. Está muito quente! Vamos só abrir para fechar, não é? Vamos, Jimmy?

J.M – Isso aí. É contigo mesmo, Rosana.

R.T – Bom, então eu queria agradecer a presença do Fábio Massá. A sua disponibilidade em participar do projeto “A voz da torcida”. Agradecer também ao Jimmy Medeiros e ao Luiz Vaz. A Nina, enfim, estamos encerrando a nossa entrevista, agradecendo. Muito obrigada.

J.M – Muito obrigada pelas informações, pelas histórias.

R.T – Foi além das nossas expectativas iniciais, enfim.

J.M – Fábio foi modesto no início. [Riso].

R.T – Muita história para contar que, certamente, vão enriquecer bastante o nosso projeto, enfim, nós vamos fechar o projeto com chave de ouro.

J.M – É verdade.

R.T – Muito obrigada. Até outra vez. [Riso].

F.M – Obrigada vocês aí.

[FIM DO DEPOIMENTO]